CAPÍTULO I
Clio e a grande virada da História.

SEÇÃO 01: pág.: 3 - 4

Logo no início do texto a autora materializa a história, enquanto disciplina academia na imagem de Clio, a musa da história e filha da deusa da memória Mnemósine. A autora destaca que Clio, durante o seculo XIX, passou a ocupar uma posição privilegiada diante das outras ciências, sendo considera a rainha das ciências. Mas uma série de acontecimentos políticos e sociais ao logo do seculo XX fizeram com que a musa da história tivesse sua posição de destaca entre as outras ciências questionadas. No contexto da guerra fria surge a chamada New left: nova esquerda, durante aos anos de 1960 a 1970, com destaque para as manifestações dos estudantes em maio de 68, fizeram com que as novas demandas da geração que estava surgindo naquele contexto novos modelos de análise que contemplava as novas demandas sócias, marcas por como direitos civis e políticos, feminismo, direitos dos homossexuais, papéis de gênero e reformas nas políticas de drogas, ampliando o horizonte de perspectiva das ciências sociais, para além do marxismo clássico.

Citações presentes na seção do texto:

CITAÇÃO DO TEXTO PAG.: 4: -

- *A dinâmica social se tornava mais complexa com a entrada em cena de novos grupos, portadores de novas questões e novos interesses. Os modelos correntes de análise não davam mais conta, diante da diversidade social, das novas modalidades de fazer política, das renovadas surpresas e estratégias da economia mundial e, sobretudo, da aparente escapada de determinadas instâncias da realidade – Como a cultura, ou os meios de comunicação de massa – aos marcos racionais e de logicidade.*

Clio, musa da História e o Tempo, Francisco de Goya, século XIX.

SEÇÃO: 02 - Pag. 4 - 5

A autora começa essa seção destacando que a nova história cultura surgi a aparti da critica das duas vertentes mais predominantes ante dale, que seria o marxismo e a escola dos annales francesas, que por sua vez ser firmaram em cima da crítica a vertentes mais antigas e superadas da historia que seria o historicismo de Ranke, com os conceitos de continuidade e descontinuidade dos tempos historicos, como também da concepção

positivista de conte que visava no seculo XIX coloca a historia na posição de uma ciência exata.
Entretanto, a critica da nova história é focada mais nas duas ultimas concepção; ao marxismo a crítica focava ao seu modelo teórico metodológico que ja tinha como certo o fim da análise como sendo sempre a luta entre os dominados contra os dominadores, reduzindo todas as questões a luta de classe. Em contrapartida, a crítica a escola dos annales situava ao seu modelo totalizante da história, a chamada história total, inspirada no modelo de Fernand Braudel de fazer historia, com seu modelo.

CITAÇÕES DA SEÇÃO:

CITAÇÃO PAGINA 4:

- *Ou seja, foi ainda de dentro da vertente neomarxista inglesa e da história francesa dos Annales que veio o impulso de renovação, resultando na abertura desta nova corrente historiográfica a que chamamos de História Cultural ou mesmo de Nova História Cultural.*

CITAÇÃO PAGINA 5:

- *Mas essas duas posturas, a rigor, já haviam sido condenadas no século XX tanto pelo marxismo quanto pela escola dos Annales e, portanto, a chamada crise dos paradigmas se deu mais com relação a uma certa falência ou inoperância dessas duas últimas concepções do que com relação às anteriores, entendidas como mais arcaicas.*

SEÇÃO 03 - Pag. 5 - 7

A autora começa essa seção destaca que antes da crise dos paradigmas, a vertende mais predominantes na historiografia nacional era marxista, citando as Caio Prado Jr. e Nelson Werneck Sodré como dois historiadores predominantes na historiografia brasileira. A autora destaca que após a queda do muro de Berlim, que pós-fim a guerra fria, o modelo marxista, principalmente o modelo leninista do marxismo, que coloca a história num modelo pronto de análise, no qual o final ja era dado, passou a ser duramente criticado; A autora destaca a importância de alguns intelectuais marxista para essa renovação de perspectiva que ia para além do núcleo duro de análise marxista, citando o historiado inglês Thompson.

A autora destaca o paradoxo da escola dos annales, que surgiu nos anos de 1930 com a pespetiva de renovar os modelos de análise cria um novo modelo metodológico de análise que não fosse o marxista pu o positivista, com suas novas concepção de novos conceitos de conjuntura e estrutura passaram a ter um esvaziamento metodológico, uma vez que o método de coleta de dados e sistematização de informação proposta pela história total causa uma insegurança metodológica, com alguns críticos chamado de história narrativa.

Por fim, a autora destaca que antes a outras ciências que serviam a história, como a economia e a ciência politica, passaram a influência diretamente nas novas orientações da história, não estando mais em uma posição de servi a história, mas como referencial de análise autônomo, promovendo a interdisciplinaridade entre as ciência.

CITAÇÕES DA SEÇÃO:

Citação que fala sobre o tipo de análise marxista que era feito no brasil. Pag. 5 :

- *Suas vertentes de análise preferenciais eram aquelas da história econômica, analisando a formação do capitalismo no Brasil, a transição da ordem escravocrata para a do trabalho livre e o surgimento do processo de industrialização. Por outro lado, realizava-se uma história dos movimentos sociais, em que, particularmente, eram estudados o proletariado industrial, com suas lutas de classes, bem como a formação do partido e do sindicato, todos esses estudos desembocando, nos anos 80, para uma análise das condições em que se davam a dominação e a resistência. No tocante à história política, eram privilegiados os trabalhos que discutiam a natureza do Estado e a formação dos partidos políticos no Brasil.*

Citação que fala da circulação dos métodos da escola do annales no Brasil durante o seculo xx na página 5 :

- *Em menor escala, ao longo dos anos 1980, a historiografia brasileira também se inspirava na tradição da escola dos Annales, apoiando-se em uma vertente econômico-social e balizada pelos marcos temporais da estrutura e da conjuntura, de inspiração braudeliana, que delimitavam a longa e a média duração. Essa orientação, contudo, apresentava-se mais difusa, diante do predomínio e do prestígio da postura marxista dentro da academia. O*

materialismo histórico não só era entendido como o mais adequado e completo para dar conta das realidades nacional e internacional, como também vinha armado de um aparato teórico definido e coerente, estabelecendo uma clara distância frente à postura dos Annales, que aparecia como carente de um referencial teórico preciso.

Citação sobre a crise das ciências humanas pagina 6:

- *Verificava-se, pois, uma crise dos paradigmas, uma descrença nas formas interpretativas do real, crise esta que se instalou no seio das ciências humanas. Registrava-se um declínio dos saberes científicos sobre os quais a disciplina fundamentara a sua posição até, praticamente, a década de 1970 do século XX.*

Citação pagina 6/7:

- *Aliás, eram esses os grandes parceiros da História dessa época, não exatamente como ciências auxiliares como ela os tivera no outro século, mas como interlocutoras que lhe davam o embasamento explicativo e teórico para colocar-se como ciência. A história juntava dados e os ordenava, as outras ciências interpretavam ! Para fugir a essa posição de vazio teórico, só mesmo recorrendo a uma história marxista, com o seu modelo explicativo no qual, de antemão, já se sabiam as respostas. Nesse sentido, a História estava, literalmente, encurralada.*

Seção 04: pág.: 7 - 8:

A autora começa essa seção destacando que a nova história cultural surgir a parti da superação das antigas concepções de cultura presente no marxismo que entedia a cultura como sendo a repdoudção das superestruturas sobre a infraestrutura, ou mesmo como a cultura sendo como o “sorrso de uma época” entendo que a cultura é uma produção da elite. Nesse sentido, é nova historia cultura, justamente porque traz uma nova forma de entender a cultura, diferente do que já estava posto.

CITAÇÕES DA SEÇÃO:

citação sobre o conceito de cultura da nova história; PAGINA 7:

- *Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.*
- *A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às*

palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa.

Citação pagina 8:

- *A presença da História Cultural assinala, pois, uma reinvenção do passado, reinvenção esta que se constrói na nossa contemporaneidade, em que o conjunto das ciências humanas encontra seus pressupostos em discussão. Pode-se mesmo aventar que a História tenha sido uma das últimas ciências humanas a enfrentar essa revisão de pressupostos explicativos da realidade. Mas, quando realizou essa tarefa, produziu mais alarde e contestação. Mais críticas e ataques, de alas de órfãos ou ressentidos, que se julgam abandonados pela Musa, seduzida por uma nova moda.*
- *Temos consciência de que o que se chama hoje História Cultural envolve historiadores com posturas bem diversas, como Roger Chartier, Robert Darnton e Carlo Ginzburg. Se todos podem estar trabalhando sobre o que se considera a instância cultural, ou a produção de sentidos sobre o mundo construída pelos homens do passado, há diferenças sensíveis entre eles. Por exemplo, o conceito de representação é, formal e claramente assumido por todos ? A resposta mais justa seria não. Entretanto, entendemos que, de uma forma geral, todos trabalham com a mesma ideia do resgate de sentidos conferidos ao mundo, e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas. Se estamos em busca de retraçar uma postura e uma intenção partilhada de traduzir o mundo a partir da cultura, é preciso descobrir os fios, tecer a trama geral deste modo de fazer História, prestar atenção em elementos recorrentes e, talvez, relevar as diferenças entre os autores, o que, sem dúvida, é um risco. Assumimos esse risco.*

CAPÍTULO II
Precursores e redescobertas: a arqueologia da História Cultural

Seção 01: pág.: 9-10

A autora começa essa parte do texto destacando o espirito nacionalista do seculo XIX, que recou na escrita da história como uma busca do passado mítico da fundação dos Estados Nacionais. Destacando como referência

desta corrente Jules Michelet, que tinha posicionamentos inovadores para sua época em relação aos personagens e atores históricos, inovando na análise do povo como um agente histórico. Mas logicamente o pensamento romântico na historiografia tem seu dado momento histórico, que moldou a suas características; no contexto de cientificismo do seculo XIX.

Citações da seção:

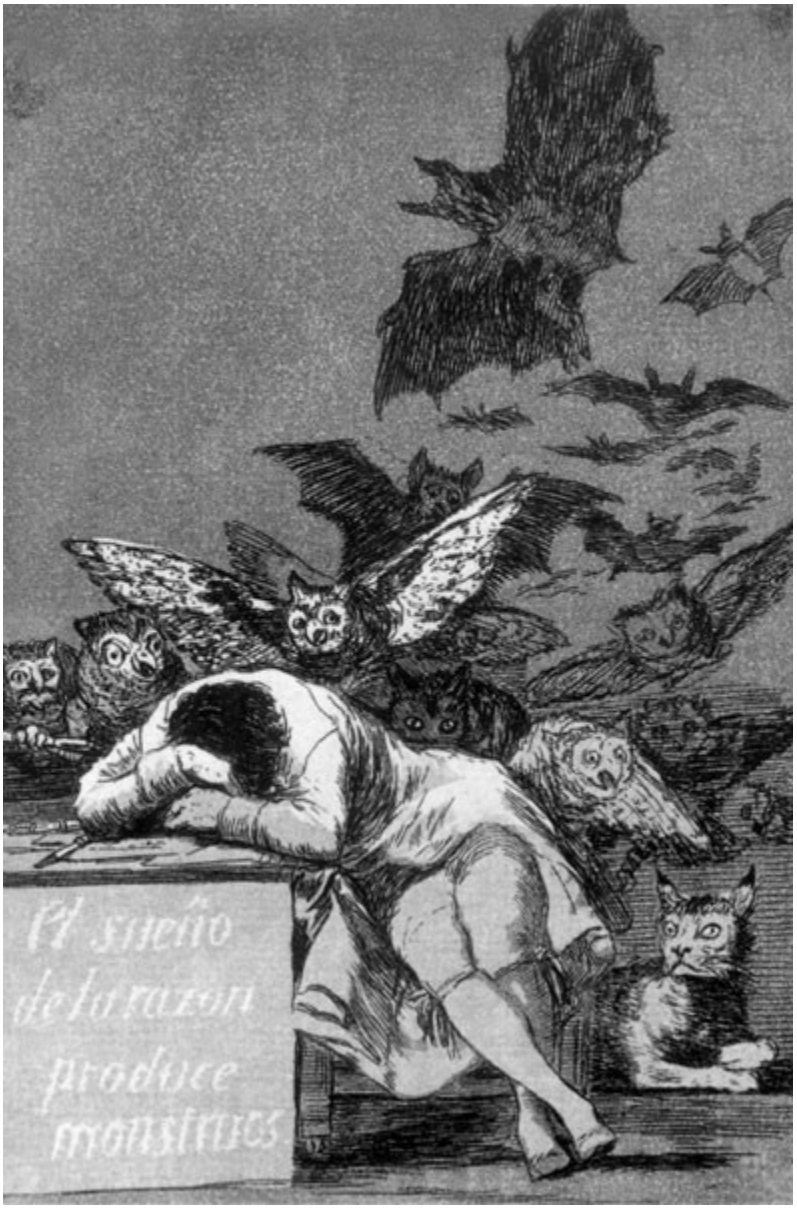
- *Ou seja, havia em Michelet toda uma nova postura de trabalhar a História, tal como se notabilizou também pela escolha de temas e personagens pouco convencionais para a época, como aqueles realizados sobre a mulher ou a feiticeira. Com isso, não estava a realizar a História daqueles que não tinham história, como descobre um novo ator sem rosto, que é o povo. Nesse sentido, Jules Michelet será considerado, particularmente pelos historiadores franceses, como uma espécie de ancestral, um historiador da cultura que portava uma nova sensibilidade para olhar o mundo, um precursor e um intelectual avant la lettre, sem seguidores imediatos, mas que muito tempo antes dos historiadores contemporâneos pensara temas e problemas pertinentes ao imaginário, considerando-os como uma forma de construção da realidade histórica. Como diria Baudelaire, o romantismo estava na maneira de sentir.*

ARTISTA GOYA PARA ILUSTRA A CENA:

Goya não conquistou sucesso internacional em vida. A grandeza de sua obra ficou para o futuro, depois da segunda metade só século XIX Goya foi considerado um dos maiores mestre de todos os tempos, O clímax do erotismo de Goya veio com às duas majas. Goya nega a vaidade de retratar um ser mitológico ou um nu artístico. Não, ele retratar a nudez de uma mandrilasse comum e depois a retrata da mesma forma, porem com roupa. Goya ama profundamente a juventude das mulheres, este foi seu tema luminosos e recorrente até fim da vida.

Goya foi negavelmente influenciados pelas ideias iluministas e a veneração pela razão. Buscou mostra que ha no ser dito racional do século das luzes monstros bárbaros. Um belo exemplo da barbaridade destes seres racionais é a ocupação francesa na Espanha e as revoltas de resistência de Madri de 2 e 3 de maio de 1808. Que foram eternizadas no quadro dois e três de maio do pintor Francisco de Goya e em seus seres de gravuras o desastre da guerra. Mostra como os franceses, desentende diretos das ideias de liberdade e humanidade do iluminismo e da revolução francesa, foram capazes das maiores atrocidades.

Goya, desiludido politicamente, viu o mesmo povo que foi brutalmente abusado pelas tropas francesas a mando de napoleão, ver esse mesmo povo ceder aos caprichos de Fernando VII, o povo de fato clamando pela inquisição. Como se não bastasse a desilusão política, Goya passar a sofré com uma doença que lhe deixou surdo. As últimas obras de do pintor estarão diretamente ligados a este seu estado de espírito de desilusão com a política e fadigação do próprio corpo diante do tempo. O artista não celebra a razão. Ao contrário, mostra em suas obras o contrário da razão com suas figuras barbarizadas.



Seção 02: pagina 11- 12

Nesta seção, a autora explora como, no final do século XIX, diversas referências contribuíram para o desenvolvimento de uma abordagem das relações humanas que se distanciava dos princípios das ciências exatas. Entre as figuras destacadas, encontra-se o historiador de arte suíço Jacob Burckhardt, que, em seus estudos sobre a Grécia antiga, enfatizou a importância de analisar a cultura e sua aplicação na realidade para compreender os costumes de uma época. Outra referência importante é o historiador Leopold von Ranke, que buscava conceber a história como uma ciência neutra, acreditando que a providência divina guiaria o sentido da história, desde que os fatos fossem tratados com rigor. Essa visão, que se assemelhava à ideia da "mão invisível" do liberalismo econômico, foi alvo de críticas ao longo do desenvolvimento da historiografia, sendo Ranke acusado de criar uma "história oficial". O historiador alemão Johann Gustav Droysen também é mencionado por ter sido um dos primeiros a reconhecer a dimensão ficcional presente na escrita da história. Wilhelm Dilthey, por sua vez, defendia que a psicologia deveria ser o instrumento primordial para o estudo das ciências humanas, então chamadas de "ciências do espírito", assim como a matemática o era para as ciências exatas. A psicanálise, com as contribuições de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung, também desempenhou um papel crucial nesse contexto. Freud, com a descoberta do inconsciente, trouxe uma nova perspectiva para a compreensão da ação humana, reconhecendo a subjetividade e a individualidade como fatores determinantes. Jung, ao introduzir a noção de arquétipos, propôs a existência de personalidades coletivas adotadas pela sociedade. Por fim, os sociólogos Émile Durkheim e Marcel Mauss, com seus estudos, contribuíram para o aprimoramento da antropologia como ferramenta de análise das ciências humanas.

Citações da seção:

citação na página 11 sobre Ranke :

- *Com suas ideias, Ranke se voltava contra a filosofia da História, negando que houvesse um fio condutor ou postulado imutável a conduzir os fatos ao longo do tempo.*

Citação na página 11 sobre a visão do filósofo da história Johann Gustav Droysen:

- *Para tanto, o historiador se valia da ficção para construir a sua narrativa, compondo uma espécie de ilusão ou versão sobre o passado. Com tais afirmativas, Droysen punha em causa a objetividade pretendida por Ranke,*

Citação na pagina 11 sobre a visão do Wilhelm Dilthey:

- *Ao historiador cabia compreender este outro no tempo, aprofundando a análise dos sentidos psicológicos das ações humanas e dos sentimentos. Face à defasagem temporal, o esforço de captar as expressões de vida do passado resultava em poucas certezas para o historiador.*

Citação na página 11 sobre a contribuição de Freud e do inconsciente para a nova história:

- *Particularmente, Freud conferia valor às imagens, que haviam sido eliminadas do campo intelectual por uma postura cientificista derivada do racionalismo cartesiano, continuada ao longo do Século das Luzes e reforçada ao longo do século XIX com sua tendência cientificista. A Psicanálise, com a sua procura dos sentidos mais ou menos velados que as imagens comportavam, abriu caminho para os estudos do simbólico e do inconsciente, além de revelar a importância do indivíduo. Mas, na sua época, a hermenêutica freudiana estava dissociada daquilo que se tinha por conta de uma História.*

CITAÇÃO PAGINA 12 SOBRE MARCEL MAUSS E ÉMILE DURKHEIM E A RELAÇÃO ENTRE ANTROPOLOGIA CULTURAL E HISTORIA:

- *Nesse sentido, se formos falar de uma arqueologia da História Cultural, podemos dizer que a Antropologia Cultural, como um todo, já desde o início do século XX, também lidava com a incorporação da dimensão simbólica para a análise das formas de organização social, como uma forma de entendimento segundo a qual os homens elaboravam formas cifradas de representar o mundo, produzindo palavras e imagens que diziam e mostravam mais além do que aquilo que era expresso e mostrado nos registros materiais.*

SEÇÃO 03. Pág. 12–14

A autora inicia a seção referenciando alguns atores que foram importantes para o desenvolvimento das ciências humanas no início do seculo xx: Walter Benjamin e Antonio Gramsci; marxistas não ortodoxos que buscaram inova nas suas formas de análise; Gaston Bachelard, um matemático que inovou nas formas de análises científicas ao aplica o metodod da epistemologia da desconfiança, que consistica em busca desconsidera os preconceitos pre consabidos a respeito do objeto estudado; Em seguida autora cita Ernst H. Gombrich e Erwin Panofsky, historiadores da arte, que com seus métodos de considera o objeto artístico como um elemento que trás atona marcas do passado a partir de detalhes sutil na obra, reconhecendo antes dos historiadores pos-modernos o grande valor da imagem. A autora cita Paul Ricouer, historiador e filsosfo da histoira, Ricouer, como demonstra autora,

contribuir profundamente para a historia como ciencia, ajudando a renova seus paradigmas de analises, reconhecendo a memoria como objeto do historiador; e da historia como uma narrativa que retorna a memoria. Dentro desta essas refencia citada acima, autora reconhecer que o que teve mais entranda no Brasil, com traduções publicadas no pais foram os Benjamin e Antonio Gramsci; pensadores marxistas que viveram no contexto entre guerras de polarização ideológica e fascismo na Europa;

Citações da Seção:

Citação pagina 12:

- *Nos anos 1930, dois grandes intelectuais tiveram a ousadia da mudança no pensar, nos anos tão conturbados da emergência dos fascismos e da eclosão da guerra mundial. Walter Benjamin, na Alemanha, e Antonio Gramsci, na Itália, de dentro do pensamento marxista, trilharam outros caminhos de análise. Benjamin e Gramsci viveram na mesma época atormentada e repensaram suas matrizes de pensamento, mas não se conheceram.*

CITAÇÃO NA PÁGINA 12 SOBRE A VISÃO DO GRAMSCI:

- *Gramsci rompeu com o esquema marxista-leninista de interpretação ao propor uma outra concepção de entendimento do Estado, da cultura e dos intelectuais. Em certa medida, com a própria rigidez da análise classista da mudança social, mostrando a riqueza e a mobilidade dos grupos dentrodo esquema de alianças que se realiza no âmbito da sociedade civil para a construção da hegemonia. Mas é no domínio da cultura, como conjunto de valores construídos, socializados, legitimados e operacionalizados a partir de um grupo específico – os intelectuais – que se abre uma janela para as instâncias da chamada superestrutura, libertando-as do amarramento que mantinham com a infraestrutura, em termos de determinação*

Citação sobre a contribuição da analise de Walter Beijamin na pagina 13.

- *Trabalhando com as representações sociais de uma época, Walter Benjamin parte do conceito marxista do fetichismo da mercadoria para apresentá-la como fantasmagoria : imagens de desejo, ilusórias, que reapresentam o mundo, dizendo-o de uma outra forma, mostrando o que deve ser mostrado, travestindo a realidade e ocultando o que é possível ser ocultado. Imagens dotadas do poder mágico de fazer crer, de parecerem verdade, de se substituírem ao real, de serem capazes de inverter as relações sociais, fazendo com que os homens vivam por e no mundo das representações. Na análise feita sobre as produções culturais da sociedade capitalista, Walter Benjamin conseguiu trabalhar com o imaginário social, mostrando que, para proceder à leitura de uma época, era preciso decifrar as suas representações. Benjamin teve a ousadia de tentar realizar uma arqueologia do imaginário de um século, dando a ver, pelas representações de uma cidade – Paris, a que chamou capital do século XIX – a sua própria época.*

Citação na pagina 13 sobre a contribuição de Gombrich e Panofsky para a historia cultural:

- *Não se tratava, contudo, de um entendimento da arte como reflexo do social, mas sim de entender o mundo cifrado da pintura, com os seus códigos e as mediações possíveis com a realidade fora da representação.*

Citação na pagina 13 sobre a contribuição de Paul Ricoeur:

- *Tais indagações seriam prosseguidas pelo autor em obras posteriores, publicadas nos anos 1980 e das quais falaremos mais adiante, mas seu texto é tanto precursor quanto fundador de uma nova maneira de questionamento das bases da História como ciência. Por exemplo, é por meio da hermenêutica de Paul Ricoeur que vêm a ser discutidos os distanciamentos e as aproximações entre as narrativas literária e histórica, pondo em causa as dimensões da verossimilhança e da veracidade dos discursos.*

Citação na pagina 14 que fala sobre a inovação de Thompson na perspectiva marxista:

- *Mesmo mantendo uma análise classista, como seria de esperar dentro do marxismo, Thompson abandonou a clássica definição marxista-leninista, que identificava a classe pela posição ocupada junto aos meios de produção. Alargou o conceito, entendendo que a categoria deveria ser apreciada no seu fazer-se, no acontecer histórico, na sua experiência como classe. Cabia ao historiador surpreender os nexos entre pequenas alterações de hábitos, atitudes, palavras, ações, de atitudes que iam mudando ao longo do tempo. Com isso, Thompson resgatava para o historiador a dimensão do empírico : a pesquisa de arquivo era indispensável, e nesse ponto se abriam não só novos enfoques temáticos como nova documentação. O fazer-se de uma classe implicava observar modos de vida e valores, implicava entrar nos caminhos da construção de uma cultura de classe.*

Seção 04 Pag. 14 - 16:

Nesta seção, a autora destaca que os anos de 60 e 70 foi marcado por uma renovação da histoira social tanto tanto por parte de historiadores ingleses marxista, como por uma renovação da terceira geração do analise que retorna a considerar o social como eixo de analise; Com os neomarxistas passarama a conidera a uma epistemologia mais específicas para cada

grupo, levando em consideração a cultura como um agente ativo de transformação social; a respeito da terceira geração dos analise o autora cita como referencia Pierre Gloubert e Emanuel Le Rof ladurie, destacando o movimento de retomada a concepção de Mentalidade;

Citações da seção:

Citação na pagina 16 sobre a contribuição da retomada da vertanete das metalidades:

- *Com o ressurgimento das mentalidades, o nível cultural passou a ser entendido como uma forma de determinação primária da sociedade.*

- *O conceito de mentalidade, porém, não era preciso ; a corrente pretendia furtar-se à classificação classista, mas sua amplitude também não era fixada pelos historiadores que trabalhavam nesse enfoque. A história das mentalidades apontava para os caminhos das elaborações mentais e dos fios de sensibilidade que percorriam o social de ponta a ponta, mas não se definia teoricamente.*

Citação na pagina 16 sobre o comum avanço da vertente marxista inglesa e a terceira geração dos analise em sentido a privilegia acultura:

- *Em síntese, historiadores franceses dos Annales e historiadores ingleses neomarxistas trabalhavam, do final dos anos 1960 aos anos 80, com uma história social que avançava para os domínios do cultural, buscando ver como as práticas e experiências, sobretudo dos homens comuns, traduziam-se em valores, ideias e conceitos sobre o mundo. Mesmo que seus membros marxistas permanecessem marxistas e que os integrantes da agora chamada Nova História, herdeira dos Annales, não se definissem teoricamente, era possível distinguir algumas preocupações comuns, que perpassavam o trabalho dos historiadores.*

Seção 04 pag. 17- 19 :

Este texto de Pesavento explora as transformações cruciais na historiografia, especialmente a partir da segunda metade do século XX, quando novas teorias desafiaram as abordagens tradicionais. A autora destaca o impacto de pensadores como Michel Foucault, Paul Veyne,

Hayden White, Michel de Certeau e Paul Ricoeur, cujas ideias contribuíram para a desconstrução da noção de uma história objetiva e universal. Inicialmente, a autora cita a aula inaugural de Michel Foucault no Collège de France, publicada em "A Ordem do Discurso". Foucault argumenta que a produção de discursos em qualquer sociedade é controlada por procedimentos de classificação, avaliação, divisão, separação e limites. A análise do discurso e a noção de poder, como exploradas por Foucault, foram fundamentais para o aprimoramento das ciências humanas. Em seguida, Pesavento aborda as contribuições de Paul Veyne, historiador e arqueólogo francês, que enfatizou a natureza narrativa da história. Veyne argumenta que nenhuma história pode ser total, pois cada narrativa é única. Essa perspectiva ressalta a subjetividade inerente à escrita da história. Na mesma linha, a autora menciona Hayden White, teórico da história que observou o caráter ficcional da história. White argumenta que os historiadores utilizam estratégias tropológicas semelhantes às dos romancistas e poetas, como metáfora, metonímia, ironia e sinédoque, na construção de suas narrativas. Pesavento também destaca as reflexões de Michel de Certeau sobre a escrita da história. Certeau analisa a escrita da história como um discurso de separação entre passado e presente, entre a escrita e o social, e entre a verdade do discurso e o mito e a tradição. Essa perspectiva evidencia a construção do passado a partir do presente, ressaltando a dimensão discursiva do conhecimento histórico. Além disso, a autora explora as contribuições de Paul Ricoeur, que em sua obra "Tempo e Narrativa", examina a relação entre tempo e narrativa. Ricoeur mostra como a refiguração da experiência temporal na escrita da história envolve representação e reconstrução. Ele também aborda a ficcionalização da história, destacando o papel da imaginação e do imaginário na construção do passado. Pesavento também aborda o debate modernidade/pós-modernidade na historiografia, com a crítica ao racionalismo e às pretensões de totalidade da história moderna, e a crítica feita a história pós-moderna, com uma visão de que ela seria uma negação da própria história. Finalmente, Pesavento conclui destacando a busca por novos paradigmas explicativos da realidade, que caracterizou a historiografia a partir da segunda metade dos anos 1990.

Citações presentes na seção:

citação na pagina 17 que fala sobre a analise do discurso em foucault:

- *Em sua aula inaugural no Collège de France, proferida em 2 de dezembro de 1970, Michel Foucault dizia supor que em toda sociedade a produção de discursos estava controlada por procedimentos de classificação, avaliação, divisão, separação e limites. Uma cultura se instalava pela partilha e atribuição de significados e o que cabia estudar era justamente o jogo de elaboração dos discursos, constitutivos daquilo que se chamaria o real. Com*

isso, Michel Foucault punha em xeque o próprio princípio que embasava a história social : o que devia ser estudado era a realidade. Ora, para Foucault não haveria separação entre texto e contexto, e aquilo que se convencionava chamar de real era dado por objetos discursivos, fixados historicamente pelos homens.

Citação na pagina 17 sobre a contribuição de Paul Veyne para a histoira enquanto narrativa;:

- *Para Veyne, a História tinha um campo indeterminado, salvo a exigência de lidar com o acontecido, o que fazia da história uma narrativa distinta daquela da literatura ! Como narrativa, apresentava versões sobre os fatos que teriam ocorrido um dia, narrativas essas elaboradas de forma subjetiva a partir de dados objetivos, por escolhas feitas pelo historiador diante de um horizonte infinito de temas. Assim, o historiador selecionava, simplificava e organizava os dados do passado em função de uma pergunta para a qual construía uma resposta, dotada de um sentido. Sim, pois a História era o resultado de uma interrogação, feita pelo historiador ; de uma escolha e de uma organização dos dados, tal como da montagem de uma intriga, também construídas pelo historiador.*

Citação na pagina 18 que informa a critica de Hayden White acerca da representação historica:

- *Hayden White afirmava que a História era uma forma de ficção, tal como o romance era uma forma de representação histórica, embora no século XIX se tivesse dado a sua construção como ciência que buscava relatar a verdade dos fatos passados. Mais do que isso, sendo as representações discursivas, os historiadores se valeriam das mesmas estratégias tropológicas das narrativas usadas pelos romancistas ou poetas : metáfora, metonímia, ironia, sinédoque. Com tais ideias, Hayden White reforçava a ideia, já apresentada por Veyne ou Foucault, do caráter fictício das reconstruções históricas e que contestavam o seu caráter científico. Tal como na criação literária, o historiador também organizava um enredo na composição da sua narrativa, com a diferença de que o romancista inventava os fatos e o historiador os achava nas crônicas e materiais de arquivo.*

Citação na pagina 18 sobre a forma que Certeau percebeu como se dava a escrita da historia*:*

- *Ao analisar como se escrevia a História, Michel de Certeau estabelecia uma distinção entre a História entendida como um discurso que se propõe criar um saber com estatuto de conhecimento, constituído socialmente, e a História entendida como o conjunto de procedimentos técnicos e regras de*

escrita que constroem os dados. Logo, os objetos históricos não eram um produto natural, mas sim um produto discursivo.

CAPÍTULO III
Mudanças epistemológicas : a entrada em cena de um novo olhar

Seção 01:

Neste capítulo, a autora explora a mudança epistemológica que impulsionou o novo olhar da história sobre o passado e seus objetos de análise. O conceito central discutido é o de representação, influenciado pelos antropólogos Marcel Mauss e Émile Durkheim. A representação é definida como a forma de apresentar o ausente através do presente, um conceito que se revela ambíguo por ser uma construção a partir do real. Para ilustrar essa ideia, a autora utiliza a obra "A Traição das Imagens" de René Magritte, que retrata um cachimbo que, paradoxalmente, declara "isto não é um cachimbo". Pesavento destaca que a representação, fundamental na História Cultural, foi incorporada pelos historiadores a partir das teorias de Mauss e Durkheim. Ela define a representação como a presentificação do ausente, uma construção que substitui o real e influencia a percepção e as práticas sociais. A autora enfatiza que a representação não é uma cópia fiel do real, mas sim uma construção subjetiva, carregada de significados simbólicos. Envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão, revelando as dinâmicas de poder na construção do conhecimento histórico. Pesavento também destaca a força das representações em mobilizar e produzir reconhecimento e legitimidade social. Elas se inserem em regimes de verossimilhança e credibilidade, e não de veracidade, evidenciando a dimensão política da construção do real. A História Cultural é definida como a tentativa de decifrar o passado através de suas representações, buscando compreender como os indivíduos expressaram a si mesmos e o mundo. Esse processo complexo exige do historiador a capacidade de transcender os filtros do presente e interpretar os códigos de outras épocas. A autora conclui que a História Cultural se torna uma representação que resgata representações, ou seja, o historiador constrói uma representação sobre algo que já foi representado. Pesavento ressalta que a realidade do passado só é acessível ao historiador através de

representações, transformando a história em uma narrativa de representação.

Citações da seção :

citação sobre o conceito de representação em Marcel Mauss e Émile Durkheim na paniga 20:

- *Mauss e Durkheim estudaram, nos chamados povos primitivos atuais, as formas integradoras da vida social, construídas pelos homens para manter a coesão do grupo e que propõem como representação do mundo. Expressas por normas, instituições, discursos, imagens e ritos, tais representações formam como que uma realidade paralela à existência dos indivíduos, mas fazem os homens viverem por elas e nelas.*

citação na pagina 21 que destaca o sentido simbólico da representação:

- *Neste caso, na correlação entre exposição e ocultamento, insinua-se um trabalho de substituição, mas onde se registra um deslizamento de sentido. As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Há, no caso do fazer ver por uma imagem simbólica, a necessidade da decifração e do conhecimento de códigos de interpretação, mas estes revelam coerência de sentido pela sua construção histórica e datada, dentro de um contexto dado no tempo.*

citação na pagina 21 / 22 que discute o conceito de representação a parti de Pierre Bourdieu:

- *Decorre daí, portanto, a assertiva de Pierre Bourdieu, ao definir o real como um campo de forças para definir o que é o real. As representações apresentam múltiplas configurações, e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada, pelos diferentes grupos do social. Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças. Implica que esse grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, depropor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais.*

Citação da pagina 22 que fala sobre o conceito de representação para a historia:

- *Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações,*

tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo. Torna-se claro que este é um processo complexo, pois o historiador vai tentar a leitura dos códigos de um outro tempo, que podem se mostrar, por vezes, incompreensíveis para ele, dados os filtros que o passado interpõe. Este seria, contudo, o grande desafio para a História Cultural, que implica chegar até um reduto de sensibilidades e de investimento de construção do real que não são os seus do presente. A rigor, o historiador lida com uma temporalidade escoada, com o não visto, o não vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele.

Citação na pagina 22 que finaliza a primeira seção do capitulo:

- *Isso fará da História também uma narrativa de representação do passado, que formula versões – compreensíveis, plausíveis, verossímeis – sobre experiências que se passam por fora do vivido. A História Cultural se torna, assim, uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado.*

Seção 02 : Pag. 22- 24:

Nesta seção, a autora se propõe a discutir o conceito de imaginário no contexto da História Cultural. O texto de Pesavento explora o "imaginário" como um elemento crucial nas mudanças epistemológicas que acompanham o surgimento da História Cultural. A autora destaca como o imaginário, entendido como um sistema de ideias e imagens de representação coletiva, molda a forma como os seres humanos atribuem significado ao mundo. Pesavento apresenta o imaginário como um sistema coerente e articulado de representações coletivas, construído social e historicamente. O historiador Bronislaw Baczko é citado para enfatizar a historicidade e abrangência do imaginário, que se manifesta de diversas formas, como discursos, imagens, práticas e ritos. O imaginário abrange crenças, mitos, ideologias e valores, desempenhando um papel fundamental na construção de identidades e na organização do mundo social. O filósofo Cornelius Castoriadis é apresentado como um pensador que aprofunda a compreensão do imaginário, atribuindo-lhe uma dimensão ontológica. Castoriadis distingue entre o "imaginário radical", a capacidade humana inata de criar e recriar o real, e o "imaginário efetivo", a atividade social que atribui sentido ao mundo a partir de condições históricas. Essa perspectiva destaca o papel do imaginário na construção do simbólico e na atribuição de significado à realidade. O historiador Jacques Le Goff é citado como um defensor da ideia de que o imaginário é uma forma de realidade, um regime de representações que influencia as ações humanas. Le Goff se aproxima de Castoriadis ao afirmar que a sociedade existe no plano simbólico, moldada pelas representações que construímos. A historiadora Evelyne Patlagean

também é mencionada por sua visão abrangente do imaginário, que abrange todo o campo da experiência humana. Pesavento destaca que, para Le Goff, o conceito de imaginário representa uma superação do conceito de "mentalidade", utilizado pela Escola dos Annales. A "mentalidade", considerada vaga e imprecisa, é contrastada com o imaginário, que oferece uma categoria mais precisa para expressar a capacidade humana de representar o mundo. A autora utiliza a obra "O Castelo dos Pirineus" de René Magritte para ilustrar o conceito de imaginário. O texto se fortalece ao usar referências de diversas áreas do conhecimento, como História, sociologia e filosofia. Isso mostra que o conceito de imaginário é algo complexo e que precisa de diversas áreas para sua melhor compreensão.

Citações da seção:

Citação na pagina 22 sobre o conceito de imaginário:

- *Entende-se por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo.*
- *A ideia do imaginário como sistema remete à compreensão de que ele constitui um conjuntodotado de relativa coerência e articulação. A referência de que se trata de um sistema de representações coletivas tanto dá a ideia de que se trata da construção de um mundo paralelo de sinais que se constrói sobre a realidade, como aponta para o fato de que essa construção é social e histórica.*

Citação na pagina 23 sobre o conceito de imaginário e representação para Le Goff;

- *Essa postura seria também a de Jacques Le Goff, que entende o imaginário como uma forma de realidade, como um regime de representações, tradução mental não reprodutora do real, que induz e pauta as ações. Segundo Le Goff, tudo aquilo que o homem considera como sendo a realidade é o próprio imaginário. Nesta medida, o historiador Le Goff aproxima-se do filósofo Castoriadis, quando este diz que a sociedade só existe no plano do simbólico porque pensamos nela e a representamos, desta ou daquela maneira.*

Seção 03 Pag. 25 - 26

Nesta seção, o texto explora a evolução dos conceitos de "imaginário" e "narrativa" na História Cultural, destacando as contribuições de diferentes disciplinas e pensadores. A **Antropologia**, com as ideias de Yves e Gilbert Durand, introduz a noção de "arquétipos" como estruturas mentais permanentes que moldam as representações do mundo. Yves Durand enfatiza a natureza inata e recorrente dos arquétipos, enquanto Gilbert Durand reconhece a interação entre formas inconscientes e o trabalho consciente. Essa perspectiva antropológica destaca a dimensão universal e

trans-histórica do imaginário. **Lucian Boia**, buscando conciliar Antropologia e Filosofia, propõe uma síntese que reconhece tanto a universalidade dos arquétipos quanto a dinamicidade das reconstruções imaginárias em cada época. Ele identifica oito arquétipos que atravessam a história e enfatiza a importância das "imagens sensíveis" como vestígios do passado para o historiador. A referência a **Sartre** destaca a visão tradicional que relegava o imaginário à fantasia, contrastando com a abordagem da História Cultural, que o considera central para a análise histórica. **Lawrence Stone** discute o "retorno da narrativa" à História, distinguindo entre a narrativa tradicional e uma nova narrativa influenciada pela Antropologia. **Paul Ricoeur** aprofunda a discussão sobre a narrativa, explorando sua relação com a verdade e a mediação entre passado e texto histórico. A citação de **Aristóteles** sobre a diferença entre história e literatura é crucial para entender essa discussão. A citação de **Paul Veyne** reforça a ideia de que a História busca a verdade, mas sempre mediada. Em resumo, a seção demonstra a evolução do imaginário de noção marginalizada a central na análise histórica, a complexidade da relação passado-presente na representação histórica e a importância do diálogo interdisciplinar para a História Cultural.

Citações da seção:

Citação na pagina 25 que discute o conceito de arquétipo:

- *Deste campo nos chegam as noções de estruturas mentais, de tendências permanentes de organização do espírito humano. Eles são os arquétipos, elementos constitutivos do imaginário que atravessam os tempos, assinalando formas de pensar e construir representações sobre o mundo.*

Citação na pagina 25 a respeito do conceito de arquetipo para o historiador Lucian Boia:

- *Quem se propõe resolver essa tensão no âmbito do imaginário, entre as permanências dos arquétipos e as mudanças produzidas pela historicização em cada contexto, é o historiador Lucian Boia. Fazendo uma espécie de síntese ou combinação entre as duas posturas, Boia tanto se apoia no caráter universal e trans-histórico do imaginário quanto na dinamicidade das reconstruções imaginárias produzidas em cada época. Não vê maior contradição entre o que considera permanências mentais e o que entende como a mudança ou realização histórica dos imaginários. O autor tanto vê persistências estruturais do espírito quanto uma reelaboração permanente ao longo da história dos tais arquétipos imaginários, que sintetiza em oito exemplos a atravessar as épocas : a consciência de uma realidade transcendente ; a ideia da morte, do duplo e do além ; a alteridade ; a unidade ; a atualização das origens ; a decifração do futuro ; a necessidade de evasão ; as lutas ou polarização dos contrários.*

citação na pagina 26 do real como sendo construção do imaginário:

- *O real é sempre o referente da construção imaginária do mundo, mas não é o seu reflexo ou cópia. O imaginário é composto de um fio terra, que remete às coisas, prosaicas ou não, do cotidiano da vida dos homens, mas comporta também utopias e elaborações mentais que figuram ou pensam sobre coisas que, concretamente, não existem. Há um lado do imaginário que se reporta à vida, mas outro que se remete ao sonho, e ambos os lados são construtores do que chamamos de real.*

citação da pagina 26 em que a autora destaca os diferentes grafias em inglês e alemão para historia enquanto acontecimento e narrativa:

- *A História teve mais de uma compreensão ao longo do tempo : já foi identificada com a experiência vivida, ou seja, com o que aconteceu no passado, com os fatos e os acontecimentos de uma temporalidade já transcorrida. Foi, posteriormente, a ciência que, com leis e métodos, estudava o passado, resgatando a verdade do acontecido em um relato fiel. Além disso, cabe lembrar que, em alguns idiomas – como o inglês, por exemplo –, se coloca uma distinção entre a História/History, ou seja, o acontecimento verdadeiro, o acontecido, e a história/story, narrativa de ficção, tal como em alemão se estabelece, igualmente, a distinção entre Geschichte e historie. Contemporaneamente, ela é entendida como a narrativa do que aconteceu um dia, entendimento este que marca uma diferença significativa com as concepções anteriores.*

citação na pagina 26 sobre a visão acerca da narrativa histoirica do Lawrence Stone:

- *Foi com a decantada crise dos paradigmas que se deu o retorno da narrativa para o campo da História. Lawrence Stone, discutindo esse retorno, chega a estabelecer uma distinção entre o que chama de narrativa tradicional (aquela tal como fora descrita pela crítica marxista) e uma nova narrativa, influenciada pela Antropologia, trabalhando com o individual e com o coletivo, onde a análise se juntaria à descrição e onde se registraria a descoberta de novas fontes e novos temas. A rigor, Lawrence Stone levantou a questão no início dos anos 80, mas não a discutiu, cabendo a Paul Ricoeur levar adiante uma discussão mais aprofundada da narrativa no campo da História.*

SEÇÃO 04 27 - 31 :

Nesta seção, o texto explora a complexa relação entre o historiador, a narrativa histórica, a ficção e as fontes, destacando a impossibilidade de

alcançar uma verdade definitiva e a noção de "regimes de verdade" proposta por Jacques Le Goff. A análise revela como a História Cultural redefine o papel do historiador e a natureza da escrita histórica. O historiador é apresentado como um mediador ativo, que seleciona, organiza e interpreta os dados do passado, construindo uma narrativa com intriga e enredo. A retórica e a linguagem são ferramentas essenciais para o historiador, que busca convencer o leitor da veracidade de sua versão dos fatos. Paul Ricoeur é uma referência central, com sua teoria da "refiguração" do passado, que destaca a dimensão imaginativa da narrativa histórica. A narrativa histórica é vista como uma construção que busca substituir o passado, organizando os vestígios e traços em uma representação coerente. O historiador utiliza provas e citações para conferir autoridade à sua narrativa, demonstrando erudição e participação no diálogo acadêmico. A relação entre historiador e público é mediada pela narrativa, que busca convencer o leitor da veracidade da versão apresentada. A admissão da ficção na escrita da História gera um debate sobre o estatuto da disciplina, oscilando entre ciência e literatura. Reinhart Koselleck e Hans Robert Jauss são citados para questionar a oposição tradicional entre fato e ficção, reconhecendo a dimensão construtiva da narrativa histórica. Natalie Zemon Davis redefine a ficção como "aquilo que é trabalhado, construído ou criado a partir do que existe", destacando o papel do historiador na criação do passado a partir das fontes. Krysztof Pomian e François Hartog exploram as fronteiras móveis entre História e ficção, destacando a importância da imaginação e da metáfora na representação do passado. Ricoeur, por sua vez, afirma que a ficção é quase história, assim como a história é quase ficção. A impossibilidade de alcançar uma verdade definitiva sobre o passado leva à noção de "regimes de verdade", proposta por Jacques Le Goff. A História Cultural reconhece a multiplicidade de versões e interpretações do passado, enfatizando a plausibilidade e a verossimilhança em vez da veracidade absoluta. A memória e a história são contrastadas, destacando a subjetividade da memória e a busca por objetividade da história, mesmo que esta seja inatingível. Philippe Carrard aborda a "poética do saber", ou seja, como a história se distancia da literatura para se tornar ciência. Paul Ricoeur, Jacques Le Goff, Reinhart Koselleck, Hans Robert Jauss, Natalie Zemon Davis, Krysztof Pomian e François Hartog são referências centrais para a compreensão da escrita histórica na História Cultural. Aristóteles também é citado para diferenciar os dois tipos de narrativa. Em resumo, a seção demonstra como a História Cultural redefine o papel do historiador, reconhecendo a subjetividade da narrativa histórica e a impossibilidade de alcançar uma verdade definitiva. A noção de "regimes de verdade" e a exploração das relações entre ficção e fonte revelam a complexidade da escrita histórica e a importância da interpretação e da argumentação na construção do conhecimento sobre o passado.

Citação da seção:

Citação da pagina 27 sobre a visão de Ricoeur acerca da narrativa histórica:

- *As reflexões de Ricoeur são, nesse ponto, fundamentais para a compreensão da urdidura de uma trama na narrativa. Paul Ricoeur nos fala que as construções narrativas da História são refigurações de uma experiência temporal. O que o historiador pretende é reconstruir o passado, para satisfazer o pacto de verdade que estabeleceu com o leitor, mas o que constrói pela narrativa é um terceiro tempo, situado nem no passado do acontecido nem no presente da escritura. Esse tempo histórico é uma invenção/ficção do historiador, que, por meio de uma intriga, refigura imaginariamente o passado. Mas sua narrativa almeja ocupar o lugar deste passado, substituindo-o. É, pois, representação que organiza os traços deixados pelo passado e se propõe como sendo a verdade do acontecido.*

Citação da pagina 28 acerca da relação do narrador(histoirador) com o publico leitor da obra:

- *Mas há ainda um público, ouvinte e leitor para a narrativa historiográfica, a quem se busca convencer, seduzir, provar. Esse público deve ser convencido de que o historiador lhe oferece a verdade do acontecido. Ele não vai refazer o percurso do historiador junto aos arquivos e às fontes, nem provavelmente lerá todos os interlocutores do narrador junto à comunidade científica, mas avaliará a documentação empregada, o uso dos conceitos, a construção das explicações dadas pelo historiador para responder às propostas formuladas. Ou, simplesmente, se deixará convencer pela argumentação e pelos recursos retóricos do narrador.*

Citação na pagina 28 sobre a busca da verdade na histoira cultura:

- *A rigor, ele deve ter em mente que a verdade deve comparecer no seu trabalho de escrita da História como um horizonte a alcançar, mesmo sabendo que ele não será jamais constituído por uma verdade única ou absoluta.*

Citação na pagina 28 sobre a interpretação da historia como em parte ficção:

- *História seria, assim, rebaixada de estatuto, abdicando do seu direito de enunciar a verdade. Trata-se, pois, de uma batalha que se trava dentro dos próprios domínios da História, pois Clio se coloca em uma situação-limite quanto ao seu estatuto, entre a ciência e a literatura.*

Citação da pagina 30 acerca do histoira enquanto ficção e a intepretação do Hans Robert Jauss:

- *A estetização ou a colocação em ficção da experiência histórica é já uma obra de res fictae. Nada é simplesmente colhido do passado pelo historiador, como uma História dada. Tudo que se conhece como História é uma construção da experiência do passado, que tem se realizado em todas as épocas. A História inventa o mundo, dentro de um horizonte de aproximação com a realidade, e a distância temporal entre a escritura da história e o objeto da narrativa potencializa essa ficção. Como um teórico da recepção, Jauss afirma que a produção da narrativa histórica e a sua aceitação como um relato verossímil se dá como uma resposta às expectativas do leitor. Essas exigências que se fazem à História, para que responda às perguntas de determinada época, condicionam a produção das representações sobre o passado. Nesta medida, a História constrói um discurso imaginário e aproximativo sobre aquilo que teria ocorrido um dia, o que implica dizer que faz uso da ficção.*

Citação da pagina 30 sobre a visão de Natalie Davis da relação entre historia, literatura e ficção:

- *Por ficção, Natalie Davis não entende nem a falsidade nem a fantasia, versões vulgares de compreensão do conceito, nem ainda uma possibilidade de invenção absoluta dos dados do real. Prefere o sentido antigo do termo, recolhido do século XVI : aquilo que é trabalhado, construído ou criado a partir do que existe. O historiador é aquele que, a partir dos traços deixados pelo passado, vai em busca da descoberta do como aquilo teria acontecido, processo este que envolve urdidura, montagem, seleção, recorte, exclusão. Ou seja, o historiador cria o passado e, para Natalie Davis, a História é uma forma de ficção, tal como a Literatura.*

citação da pagina 30 sobre a visão de Ricoeur acerca da histoira e da ficção:

- *É ainda Ricoeur quem estabelece as considerações mais interessantes quanto a essa questão. Ricoeur admite a ficcionalização da História, presente na capacidade imaginária desta narrativa, de construir uma visão sobre o passado e de se colocar como substitutiva a ele. A ficção é quase histórica, assim como a História é quase ficção. Não é possível pensar esse processo de substituição – a narrativa que passa a representar o acontecido – sem levar em conta a presença da criação ficcional, tanto do lado da escrita quanto da leitura.*

citação pagina 31 sobre o conceito de historia, memoria, narrativa, literatura e ficção:

- *Nesta medida, História e Literatura são formas de dar a conhecer o mundo, mas só a História tem a pretensão de chegar ao real acontecido. Estes são, segundo Ricoeur, o drama e a especificidade da narrativa histórica. Ao estabelecer uma aproximação entre a Memória e a História, apresentando-as como discursos de representação do passado, Ricoeur diz que, à História, estaria negada a pequena alegria do reconhecimento preservada à Memória.*

Aquele que evoca, chega à identificação da lembrança com o acontecido, objeto da rememoração : foi ele, foi lá, foi então, foi assim ! A Memória atinge assim a veracidade da evocação. Já no caso da História, em que as ações se passam por fora da experiência do vivido e, portanto, do não verificável, a narrativa opera-se por critérios de plausibilidade e verossimilhança.

Citação na pagina 31 sobre a poetica do saber de Phelippe Carrard na apalinacação da distinção entre historia e literatura:

- *O importante é, contudo, analisar isso que se poderia chamar uma poética do saber, como anuncia Philippe Carrard, ou seja, os procedimentos literários pelos quais o discurso histórico se afasta da literatura para se revestir de um estatuto científico, apesar das limitações e especificidades que experimenta sob essa condição.*

SEÇÃO 05: 31 - 35:

Nesta seção, o texto explora o conceito de "sensibilidades" na História Cultural, destacando sua importância para a compreensão da experiência humana no passado. A análise revela como as sensibilidades, entendidas como formas de percepção e tradução do mundo, tornam-se um objeto central de estudo para o historiador da cultura. As sensibilidades são definidas como o núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana, abrangendo sensações, emoções e subjetividade. A História Cultural busca resgatar as sensibilidades do passado, explorando as formas como indivíduos e grupos percebiam e interpretavam o mundo. A obra "O efeito do melodrama. Louis-Léopold Boilly, século XIX" é utilizada para ilustrar o conceito de sensibilidades. A preocupação com as sensibilidades trouxe para a História Cultural o foco no indivíduo, na subjetividade e nas histórias de vida. A ênfase é dada às biografias de pessoas comuns, dos subalternos, buscando compreender seus sentimentos, emoções e valores. A experiência histórica pessoal é valorizada como forma de resgatar emoções, sentimentos, ideias, temores e desejos. As sensibilidades, mesmo sendo subjetivas, precisam ser expressas e materializadas em registros que possam ser resgatados pelo historiador. As fontes, como atos, ritos, palavras, imagens e objetos da vida material, são essenciais para a apreensão das sensibilidades do passado. O historiador busca traduzir subjetividades e sentimentos em materialidades palpáveis, que revelem a experiência íntima, individual ou coletiva. As sensibilidades se relacionam com o mundo do imaginário e da cultura, abrangendo representações sensíveis, sonhos e medos. Mesmo que essas representações não tenham existência real, a experiência sensível de vivenciá-las é considerada uma realidade. François Hartog, fala da montagem de uma retórica da alteridade, na qual o historiador tenta traduzir uma experiência não mais reprodutível. Carlo Ginzburg, fala que sempre seremos estrangeiros em relação a algo ou alguém. Roger Chartier, fala que a leitura é rebelde e

vagabunda, ou seja, que o leitor pode dar ao texto sentidos que o autor não pretendia. O historiador, como narrador, busca traduzir o passado para o leitor, mas a leitura é um processo de reinterpretação, que pode gerar múltiplos sentidos. O controle do historiador sobre a leitura se dá pela retórica, pelas evidências da pesquisa e pela autoridade de sua fala. A História Cultural reconhece a indeterminação da interpretação, tanto do passado quanto do texto histórico, levando a uma "era da dúvida".

- **François Hartog**: Sua ideia de "retórica da alteridade" destaca o desafio do historiador em traduzir experiências passadas para o presente.
- **Carlo Ginzburg**: Sua afirmação de que somos sempre estrangeiros em relação a algo ou alguém ressalta a importância da alteridade na compreensão do passado.
- **Roger Chartier**: Sua visão da leitura como um processo "rebelde e vagabundo" destaca a autonomia do leitor na construção de significados.

A seção demonstra como o conceito de sensibilidades amplia o escopo da História Cultural, permitindo uma compreensão mais profunda da experiência humana no passado. A valorização da subjetividade, das histórias de vida e das materialidades sensíveis revela a complexidade da relação entre indivíduo e sociedade, e como as emoções e os sentimentos moldam a percepção e a interpretação do mundo.

Citação da seção:

Citação da pagina 32 acerca da aplicação do conceito de sensibilidade na nova historia:

- *A rigor, a preocupação com as sensibilidades da História Cultural trouxe para os domínios de Clio a questão do indivíduo, da subjetividade e das histórias de vida. Não mais, contudo, uma história biográfica, dos grandes vultos da História, mas muito mais biografias de gente simples, da gente sem importância, dos subalternos. Uma história de indivíduos que deriva, assim, de uma história social renovada : do estudo dos pobres, dos subalternos enquanto classe ou grupo, detentores de uma expressão cultural dita popular, passou-se a uma história de vida das pessoas humildes, na qual possam ser surpreendidos os sentimentos, as sensações, as emoções, os valores.*

citação da pagina 33 acerca da sensibilidade na analise histórica:

- *Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vidamaterial, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do*

imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas razões ou motivações, no caso, não tenham consistência real.

Citação da pagina 33 sobre escreve a hsitoira com base nessa nova epistemologia que se desenvolvível:

- *Escrever a História, ou construir um discurso sobre o passado, é sempre um ir ao encontro das questões de uma época. A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado.*

Citação da pagina 33 sobre François Hartog e a montagem retorica:

- *François Hartog nos fala da montagem de uma retórica da alteridade, na qual o historiador tenta traduzir uma experiência não mais reprodutível e mesmo estranha a quem ouve ou lê. Essa tarefa é realizada por meio de operações imaginárias de sentido que são transmitidas pelo discurso historiográfico.*

Citação da pagina 34 sobre o outro e referencia a Chartier:

- *Ora, o historiador é um narrador, e o texto, um meio de traduzir um Outro ao destinatário, que é o leitor. Mas a leitura, como diz Chartier, é rebelde e vagabunda. Ela pode levar à formulação de significados bem distantes daqueles almejados ou previstos pelo esforço retórico do autor/historiador. O historiador escolheu um tema, formulou uma pergunta, construiu seu tema como objeto a partir dessa questão e dos pressupostos teóricos com os quais pensou resolvê-la, foi aos arquivos, selecionou fontes e com elas armou uma rede de significados que expôs por meio de um texto, onde buscou dar a ver o passado numa versão, plausível, possível, que aspira a ser tomada como a mais próxima possível do real acontecido. Ele buscou traduzir como as pessoas de um outro tempo agiam, pensavam, se expressavam.*

CAPÍTULO IV

Em busca de um método : as estratégias do fazer História

Seção 01: Pag. 36 -37:

Nesta seção, a autora explora a arte do fazer história a partir do método, destacando como o historiador transforma vestígios do passado em fontes e documentos significativos. A análise revela a complexidade do trabalho do historiador, que se assemelha a um detetive e a um médico, buscando decifrar enigmas e interpretar sintomas.

Carlo Ginzburg é uma referência central, com seu conceito de "paradigma indiciário", que compara o historiador a um detetive. O historiador, assim como um detetive, busca traços, vestígios e detalhes que revelam significados ocultos. A suspeita e a dedução são ferramentas essenciais para o historiador, que questiona a transparência da realidade e busca interpretações além do óbvio. A autora cita Marx para dar base ao paradigma indiciário, mostrando que desde Marx já se desconfiava das aparências.

Além de detetive, o historiador também se assemelha a um médico, buscando sintomas e sinais que revelam sentidos. O historiador analisa os detalhes e o contexto, buscando compreender as relações entre os elementos do passado. A atenção aos detalhes e a busca por padrões são essenciais para a interpretação dos vestígios do passado.

Walter Benjamin é citado como precursor do método da montagem, que se baseia na combinação de fragmentos do passado para produzir sentido. O historiador, assim como um cineasta, monta um quebra-cabeças de peças, buscando analogias, contrastes e relações de significado. A montagem permite revelar conexões e oferecer explicações para o passado, a partir da combinação de diferentes elementos.

A autora destaca a importância do detalhe e do secundário na análise histórica, seguindo a lógica do paradigma indiciário. O historiador busca pistas e indícios que, à primeira vista, podem parecer insignificantes, mas que revelam significados importantes. David Lawenthal e L.P. Hartley são usados como base para demonstrar que o passado é uma terra estrangeira, e que o historiador tem a missão de traduzi-la.

Referências e Contribuições:

- **Carlo Ginzburg**: Seu conceito de "paradigma indiciário" redefine o papel do historiador como um investigador que busca decifrar enigmas do passado.
- **Walter Benjamin**: Seu método da montagem oferece uma nova abordagem para a análise histórica, baseada na combinação de fragmentos e na busca por conexões.

- **David Lawenthal e L.P. Hartley**: Demonstram a dificuldade em compreender o passado, e a necessidade de traduzi-lo.
- **Marx**: Mostra que a desconfiança das aparências, já era algo discutido muito antes da história cultural.

A seção demonstra como a História Cultural redefine o método histórico, incorporando elementos da investigação criminal e da análise médica. A valorização do detalhe, a busca por padrões e a combinação de fragmentos do passado revelam a complexidade do trabalho do historiador, que busca construir narrativas significativas a partir dos vestígios deixados pelo tempo.

Citação da seção:

Citação pagina 36 sobre o metodo de fazer o passado fala a a histoira:

- *É a questão formulada ou o problema que ilumina o olhar do historiador, que transforma os vestígios do passado em fonte ou documento, mas é preciso fazê-los falar. Caso contrário, eles revelam somente a existência de um outro tempo, de um antigo, em que os homens falavam uma língua diferente, nesse país estranho do passado, como diz David Lowenthal, retomando as palavras de L.P. Hartley.*

Citação pagina 36 Carlo Ginzburg e o paradigma indiciário:

- *Carlo Ginzburg, em ensaio já clássico, nos fala de um paradigma indiciário, método este extremamente difundido na comunidade acadêmica. Nele, o historiador é equiparado a um detetive, pois é responsável pela decifração de um enigma, pela elucidação de um enredo e pela revelação de um segredo. Qual Sherlock Holmes, ele enfrenta o desafio do passado com atitude dedutiva e movido pela suspeita : vai em busca de traços, de pegadas como um caçador, de vestígios, como um policial. Presta atenção nas evidências, por certo, mas não entende o real como transparente. Aliás, refere Ginzburg, o próprio Marx afirmara que, se a realidade fosse transparente, não haveria necessidade de interpretá-la !*

citação pagina 36 ainda sobre o paradigma indiciário e o historiador como um medico:

- *De detetive o historiador se transforma em médico, em busca dos sintomas, dos fenômenos paralelos que emitem sinais e dão a ver sentidos. Como um crítico de arte, o historiador não se atém apenas ao primeiro plano ou à aparência de um conjunto que se dá a ver, segundo uma primeira impressão ; busca o segundo plano, vai na procura dos detalhes que cercam a cena principal, analisa cada elemento em relação ao conjunto*

citação pagina 36/ 37 sobre Walter Benjamin e o método de montagem na história:

- *Baseando-se na montagem cinematográfica, a partir das fotografias que, combinadas, produzem o movimento, Walter Benjamin imagina para o historiador um caminho semelhante. É preciso recolher os traços e registros do passado, mas realizar com eles um trabalho de construção, verdadeiro quebra cabeças ou puzzle de peças, capazes de produzir sentido. Assim, as peças se articulam em composição ou justaposição, cruzando-se em todas as combinações possíveis, de modo a revelar analogias e relações de significado, ou então se combinam por contraste, a expor oposições ou discrepâncias. Nas múltiplas combinações que se estabelecem, argumenta Benjamin, algo será revelado, conexões serão desnudadas, explicações se oferecem para a leitura do passado.*

Seção 02 pag. 37 -38

Nesta seção, a autora destaca a importância da erudição do historiador e do método na construção do conhecimento histórico. Ela explora como o historiador, ao analisar fontes e documentos, precisa ir além da descrição superficial, buscando conexões e interpretações profundas.

A erudição, entendida como um vasto conhecimento e bagagem de leituras, é apresentada como um "capital" essencial para o historiador. Essa erudição permite realizar leituras intertextuais, associar diferentes fontes e interpretar significados ocultos. A imagem "O trapaceiro. La Tour, século XVIII" é utilizada como exemplo de como o historiador deve buscar o que não está evidente.

O método da "descrição densa", desenvolvido por Clifford Geertz na Antropologia, é destacado como uma ferramenta valiosa para a História. Esse método envolve a análise minuciosa de detalhes e a exploração de todas as possibilidades interpretativas das fontes, por meio do cruzamento com outros elementos. A descrição densa busca aprofundar a análise, encontrando todas as interpretações possíveis, e não apenas descrever o objeto.

A autora explica que a História é uma "ficção controlada" pelo método e pelas fontes. O historiador utiliza indícios e provas para construir sua narrativa, que é sempre uma representação do passado, não uma reprodução total. O controle se dá pela testagem das fontes, pela possibilidade de outros pesquisadores refazerem o caminho do historiador e pela retórica utilizada na escrita. O extratexto, ou seja, todo o conhecimento do historiador, também auxilia na interpretação das fontes. O historiador atua como um juiz, interpretando as provas e construindo uma narrativa coerente e convincente.

- **Clifford Geertz**: Seu método da "descrição densa" oferece uma abordagem profunda e detalhada para a análise de fontes e documentos.
- **Carlo Ginzburg**: Sua comparação do historiador a um juiz reforça a ideia de que o historiador busca construir uma narrativa objetiva e bem fundamentada.

A seção destaca a importância do método e da erudição na construção do conhecimento histórico. O historiador, como um investigador erudito, utiliza ferramentas como a descrição densa e a análise intertextual para interpretar fontes e construir narrativas significativas sobre o passado. A ideia da História como uma "ficção controlada" ressalta a importância da objetividade e da fundamentação na escrita histórica.

Citações da seção:

citação pagina 37 que inicia a segunda seção:

- *Sem dúvida, o historiador se apoia em textos e imagens que ele constrói como fontes, como traços portadores de significado para resolver os problemas que se coloca para resolver. Mas é preciso ir de um texto a outro texto, sair da fonte para mergulhar no referencial de contingência no qual se insere o objeto do historiador. Do texto ao extratexto, esse procedimento potencializa a interpretação e assinala uma condição especialíssima, que é o verdadeiro capital do historiador : a sua erudição.*

citação pagina 38 sobre a descrição densa de Clifford Geetz:

- *A contribuição ou aproximação da Antropologia com a História foi um pouco mais além da utilização de certos conceitos explicativos, relacionados ao domínio do simbólico e à representação. Fornecendo ao historiador os exemplos de um método altamente significativo para realizar uma pesquisa intensa, descrevendo a realidade observada nos seus mínimos detalhes e correlação de significados possível, a descrição densa da Antropologia ensinou como explorar as fontes nas suas possibilidades mais profundas, fazendo-as falar e revelar significados. Não se trata apenas, como o nome pode sugerir, de descrever o objeto minuciosamente, mas sim de aprofundar a análise do mesmo, explorando todas as possibilidades interpretativas que ele oferece, o que só poderá ser dado por meio de um intenso cruzamento com outros elementos, observáveis no contexto ou mesmo fora dele.*

Citação na pagina 38 o historiador como Juiz:

- *O historiador, senhor do método, comparece como um juiz, tal como anuncia Ginzburg : ele explica como foi, como aconteceu e, com a autoridade da fala e o controle da estratégia metodológica, faz valer sua representação sobre o passado como o discurso do acontecido.*

CAPÍTULO V

Correntes, campos temáticos e fontes : uma aventura da História

Seção 01 Pag.: 39-40

Nesta seção, a autora explora a renovação e a expansão da História Cultural, destacando a ampliação dos horizontes do historiador e o reconhecimento do seu lugar de fala. A análise revela como a disciplina se revitalizou, atraindo um público leitor mais amplo e explorando novas correntes de pesquisa.

A História Cultural é apresentada como um campo em constante renovação, caracterizado pela multiplicação de temas, objetos e fontes de pesquisa. A disciplina conquistou visibilidade na mídia e atraiu um público leitor mais amplo, demonstrando sua relevância no cenário contemporâneo. A crise dos paradigmas, inclusive, contribuiu para essa revitalização.

A autora destaca a importância da tríade composta por escrita, texto e leitura na análise histórica. O historiador precisa questionar quem fala, de onde fala, o que se fala, como se fala e para quem se fala, reconhecendo a complexidade da produção e recepção dos textos.

A relação entre discurso e realidade é explorada, com a autora reconhecendo a influência da literatura na representação do passado. Hayden White e Roland Barthes são citados para problematizar a relação entre história e literatura, e a natureza construída da realidade. A autora, no entanto, discorda de Roland Barthes no que tange à realidade construída pelo discurso.

A metáfora é apresentada como uma ferramenta valiosa para a História Cultural, permitindo ao historiador explorar significados além do literal. A hermenêutica do texto é valorizada, reconhecendo a multiplicidade de interpretações possíveis.

A História Cultural permite reconstruir o passado, explorando valores, aspirações e temores de diferentes épocas. A disciplina reconhece a descontinuidade da história e a alteridade, colocando o historiador e o leitor diante de diferentes formas de pensar e sentir.

A discussão sobre a ficção na história e o potencial das fontes é central para a História Cultural. A disciplina busca compreender o estatuto específico da

narrativa histórica, explorando suas aproximações e distanciamentos em relação à literatura.

- **Hayden White**: Sua obra questiona as distinções entre história e literatura, explorando a natureza narrativa da escrita histórica.
- **Roland Barthes**: Sua visão da realidade como construção discursiva provoca reflexões sobre a relação entre representação e referente.

A seção demonstra como a História Cultural ampliou seus horizontes, incorporando novas abordagens e temas de pesquisa. O reconhecimento do lugar de fala do historiador e a exploração da relação entre discurso e realidade revelam a complexidade da escrita histórica e a importância da interpretação e da reflexão crítica.

Citações da seção:

Citação na pagina 39 sobre a posição da onde fala o historiador quando faz historia:

- *Em se tratando da escrita/produção, o historiador lança as perguntas sobre quem fala e de onde fala, ao enfocar o texto propriamente dito, o que se fala e como se fala e na análise da recepção, a questão jogada pelo historiador será discutir para quem se fala.*

Citação pagina 40 acerca do discurso em historia cultura:

- *Nessa medida, esse modo referencial privilegiado para o entendimento da História Cultural pode ser o da metáfora, ou seja, o discurso explica, fala de algo que se percebe e se entende como real, como um outro deste real. Ele fala por uma modalidade referencial de indicar uma significação para além deste real, envolvendo uma hermenêutica. Ele diz mais, diz além, diz de outra forma para dizer mais.*

citação da pagina 40 sobre a ficção no discurso histórico :

- *É ainda nesta corrente que se insere a discussão sobre a ficção na História e do potencial das fontes como documento de uma época, que permite, ou não, estabelecer verdades sobre o passado. Por outro lado, é ainda por esse campo que se coloca o estatuto específico da narrativa histórica, onde ela se aproxima e se afasta do discurso literário.*

Seção 02: Pag. 40 - 42 :

Nesta seção, a autora explora a micro-história, uma corrente historiográfica que busca compreender o passado através da análise detalhada de casos particulares. Ela destaca as características, os métodos e os debates que cercam essa abordagem, revelando como a redução da escala de análise pode enriquecer a compreensão da experiência humana no tempo.

A micro-história, associada à historiografia italiana e representada por nomes como Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, caracteriza-se pela exploração intensiva de objetos de estudo limitados, com forte base em pesquisa de arquivo. A metonímia é utilizada como figura metodológica, permitindo obter um amplo espectro de interpretações a partir de fragmentos. A análise microscópica busca revelar a dinâmica da história nas entrelinhas dos fatos, unindo dados de arquivo às relações sociais.

No entanto, a micro-história não está isenta de críticas. André Del Col, por exemplo, alerta para o risco de "excesso interpretativo", criticando a obra "O queijo e os vermes" de Carlo Ginzburg. A autora também destaca a importância de distinguir entre o corriqueiro e o excepcional, evitando generalizações a partir de casos isolados.

Apesar das críticas, a micro-história oferece importantes contribuições para a historiografia. Jacques Revel, com sua ideia de "descida ao rés do chão", defende a análise do cotidiano de pessoas comuns como forma de compreender as representações sociais de uma época. A micro-história busca resgatar o popular e recompor trajetórias individuais, aproximando-se do estudo de significados, simbólico e sensibilidades. A obra "Banquete nupcial camponês. Pieter Bruegel, século XVI." é utilizada para exemplificar o resgate do popular, nas analises micro historicas.

A micro-história é vista como um "laboratório de experiências", que ensaia o uso de fontes para traduzir o empírico em sensibilidades. A corrente busca resgatar a experiência do vivido, conectando o tempo curto dos dados de arquivo ao tempo macro de uma época.

- **Carlo Ginzburg**: Um dos principais nomes da micro-história, conhecido por sua obra "O queijo e os vermes" e pelo uso do paradigma indiciário.
- **Giovanni Levi**: Outro importante precursor da micro-história, que contribuiu para o desenvolvimento da metodologia da corrente.
- **André Del Col**: Crítico da micro-história, que alerta para o risco de excesso interpretativo.
- **Jacques Revel**: Defende a "descida ao rés do chão" como forma de compreender o cotidiano e as representações sociais.

Em suma, a micro-história se apresenta como uma corrente historiográfica inovadora, que busca compreender o passado através da análise minuciosa de casos particulares. A autora destaca os métodos, os riscos e as

contribuições da micro-história, revelando como essa abordagem enriquece a compreensão da experiência humana no tempo.

Citações da seção:

Citação na pagina 41 que buscar definir a micro - historia:

- *Enquanto novo enfoque ou tendência, ao enunciar seus propósitos de redução de escala para potencializar a interpretação – vendo, no micro, o macro –, a micro-história põe em prática uma metodologia de abordagem do social. Justo na aparente imobilidade do fato, os historiadores buscavam surpreender a dinâmica da História, unindo o dado arquivístico à multiplicidade das relações sociais. Por meio de um entrecruzamento máximo de relações, os historiadores da micro história acabam por demonstrar que o social passado não é um dado posto, um fato definido, mas algo reconstruído a partir de interrogações e questões postas. Recusando evidências, trabalhando com detalhes e traços secundários, tais historiadores se voltam para a preocupação de atingir, no micro, a dinâmica da vida, construindo versões sobre o passado por meio da pesquisa empírica exaustiva, que tanto combina uma espécie de descrição densa, aquela do viés antropológico, quanto a do método indiciário anunciado por Ginzburg.*

Citação pagina 42:

- *Nessa medida, há uma nítida opção, por parte desses historiadores da micro-história, para o recolhimento de um viés desde baixo, de resgate do popular para a análise da História, da mesma forma que se destaca também a busca de recompor trajetórias individuais. A ênfase no fragmento e no indivíduo aproxima a análise dos significados e do simbólico, pelo estudo das sensibilidades que as palavras, que os discursos e as práticas podem conter. As representações sociais construídas peloshomens do passado seriam surpreendidas no seu nascedouro, por assim dizer.*

Seção 03 Pag. 42 -43:

Nesta seção, a autora explora a renovação do campo político através da História Cultural, destacando como essa abordagem transformou a compreensão do político. A análise revela como conceitos como imaginário, representação e discurso historiográfico permitiram uma releitura do político, expandindo seus horizontes.

A "Nova História Política" é apresentada como uma corrente que aplica os pressupostos da História Cultural ao estudo do político. Essa abordagem busca compreender o político através de categorias como imaginário, representação e discurso.

A autora destaca os novos objetos de estudo que surgiram com essa abordagem, como o imaginário do poder, a performance de atores políticos e a eficácia simbólica de ritos e imagens. A análise se estende aos mecanismos de construção de identidades e à influência de mitos e crenças na ação política.

A autora argumenta que a História Cultural não exclui a política, mas sim a renova, trazendo novas questões e objetos de estudo. A influência dos meios de comunicação de massa, com seus "efeitos de verdade" e "efeitos de real", é destacada como um fator importante nessa renovação.

Jean-François Sirinelli é citado para definir "cultura política" como o conjunto de representações que nutrem um grupo no plano político. A cultura política abrange a visão de mundo compartilhada, a leitura comum do passado e a projeção de um futuro a ser vivido em conjunto.

A autora destaca a "fecundidade heurística" dessa renovação, que permite articular análises de eventos individuais com estudos de movimentos e estruturas de poder. Jean-François Sirinelli é novamente citado para explicar essa fecundidade.

A renovação do campo conceitual-teórico permite juntar tanto as performances individuais e as análises dos acontecimentos, próprias a um tempo curto, quanto uma história mais global, de movimentos ou estruturas de poder.

- **Jean-François Sirinelli**: Sua definição de "cultura política" e sua análise da "fecundidade heurística" da renovação do político são centrais para a compreensão dessa corrente da História Cultural.

A seção demonstra como a História Cultural expandiu os horizontes do estudo do político, incorporando novas abordagens e conceitos. A análise das representações, do imaginário e do discurso permitiu uma compreensão mais profunda da dinâmica do poder e da cultura política.

Citações da seção:

citação na pagina 42 sobre a historia cultural do politico:

- *Fala-se mesmo em uma História Cultural do Político, mobilizada pelos estudos que se centram em torno do imaginário do poder, sobre a performance de atores, sobre a eficácia simbólica de ritos e imagens produzidas segundo fins e usos do político, sobre os fenômenos que presidem a repartição da autoridade e do poder entre grupos e indivíduos, sobre mitos e crenças que levam os homens a acreditar em alguém ou algo, pautando a ação e a percepção da realidade sobre os mecanismos pelos quais se constroem identidades dotadas do poder simbólico de coesão social.*

Citação pagina 43:

- Se a História Cultural visa a atingir as representações, individuais e coletivas, que os homens constroem sobre o mundo, a História Cultural do Político difundiu-se, tendo como uma de suas preocupações centrais a definição de uma cultura política. Esta corresponderia ao conjunto das representações que nutrem um grupo no plano político, ou, como diz Jean-François Sirinelli, uma visão de mundo partilhada, uma leitura comum do passado, uma projeção no futuro a ser vivido em conjunto.

Seção 04 pag. 43 - 45:

Nesta seção, a autora explora a renovação do estudo das cidades pela História Cultural, destacando a mudança de foco da análise econômico-social para a análise das representações e do imaginário urbano.

A História Cultural busca compreender como a cidade é percebida, identificada e significada por seus habitantes, em contraste com as abordagens tradicionais que se concentram na descrição da evolução urbana e na análise das relações de produção capitalistas. A autora critica a superficialidade das abordagens quantitativas e a limitação da visão marxista, que reduz a cidade a um mero local de produção capitalista.

Para superar essas limitações, a autora introduz o conceito de "imaginário urbano", que abrange as formas de percepção, identificação e atribuição de significados à cidade. O imaginário urbano se manifesta em discursos, imagens e práticas sociais que moldam a experiência da cidade.

A autora explora as diversas representações da cidade, desde a visão idealizada de Voltaire até a visão sombria de Engels e a visão amoral de Baudelaire. Ela destaca a importância de analisar as representações da modernidade urbana, que transformaram a cidade em um personagem complexo e multifacetado.

Além disso, a autora analisa a relação entre modernidade e memória na cidade, destacando a luta entre progresso e tradição, a criação de lugares de memória e políticas de patrimônio, e a criação de um léxico urbano para nomear e dar significado aos espaços e às pessoas da cidade.

A autora também aborda as utopias e os mitos urbanos, que expressam os desejos e as ansiedades dos habitantes da cidade, e destaca a importância de analisar os discursos e as imagens que moldam a memória e a identidade da cidade.

- **Multiplicidade de Cidades:**

    - A autora utiliza a obra de Ítalo Calvino para ilustrar a ideia de que uma cidade contém muitas cidades.
- **Representações Urbanas:**
    - Voltaire, Engels, Baudelaire e Schorske são citados para exemplificar a diversidade de representações urbanas.
- **Influência Literária:**
    - A obra "As cidades invisíveis" de Ítalo Calvino inspira a reflexão sobre a multiplicidade de cidades dentro de uma mesma cidade.

Em suma, a seção demonstra como a História Cultural enriquece o estudo das cidades, incorporando novas abordagens e conceitos. A análise do imaginário e das representações urbanas permite uma compreensão mais profunda da experiência da cidade e de sua relação com a memória, a identidade e a modernidade.

Citações da seção:

Citação na pagina 43 que inicia a quarta seção:

- *Um deles seria o das cidades. Já existe uma ampla produção acumulada sobre a cidade, particularmente no que diz respeito a uma abordagem econômico-social. Muito já se escreveu, tanto sob uma perspectiva quantitativa e evolutiva, quanto sob uma abordagem marxista, sobre o fenômeno urbano. Chamamos de perspectiva quantitativa e evolutiva aquele tipo de abordagem sem qualquer outro compromisso teórico maior, empenhada na descrição da história de uma cidade, retraçando a sua evolução, arrolando dados, nomes, retraçando seu crescimento e sua evolução urbanística. Informativas, tais histórias de cidades não estabelecem reflexões maiores sobre o fenômeno da urbanização em si, o que não ocorre dentro de uma abordagem de conotação marxista.*

Citação na pagina 45 sobre a conservação do patrimonio:

- *Mas, destruir e remodelar a urbe implica julgar aquilo que se deve preservar, aquilo que, em termos de espaço construído, é identificado como ponto de ancoragem da memória, marco de reconhecimento e propriedade coletiva. Lugares de memória, políticas de patrimônio, definições de identidades urbanas são algumas das vias temáticas que se abrem com esse campo de pesquisa.*

Seção 05 Pag. 45 - 47

Nesta seção, a autora explora a relação entre História e Literatura como um campo de investigação expressivo na História Cultural. Ela destaca como a Literatura pode ser utilizada como fonte histórica, revelando aspectos do passado que outras fontes não revelam.

A autora destaca que História e Literatura são diferentes formas de narrar o mundo, com suas próprias aproximações e distanciamentos em relação ao real. Ambas utilizam estratégias retóricas e estéticas para representar o mundo, mas a História busca a verdade sobre o acontecido, enquanto a Literatura lida com a ficção e a verossimilhança.

A autora argumenta que a Literatura pode ser uma fonte valiosa para a História Cultural, especialmente para o resgate de representações, sensibilidades e imaginários do passado. A Literatura permite acessar o "clima" de uma época, revelando os valores, preconceitos, medos e sonhos das pessoas.

A autora explora como diferentes modalidades temporais da escrita literária podem ser utilizadas pela História:

- Obras que falam do tempo do autor revelam as sensibilidades daquela época.
- Romances históricos revelam a concepção de passado do tempo da escritura.
- Literatura de ficção científica revela como uma época pensava o futuro.

A autora destaca que a Literatura medíocre, ou de baixa qualidade, pode ser tão reveladora quanto as grandes obras, especialmente para capturar as sensibilidades da cultura popular.

- **Paul Ricoeur**: Suas reflexões sobre a narrativa e a temporalidade são centrais para a compreensão da relação entre História e Literatura.
- **Fragonard**: A obra "Jovem mulher lendo. Fragonard, século XVIII." é usada para exemplificar o uso da literatura como fonte.

A seção demonstra como a História Cultural expande as possibilidades de pesquisa histórica, incorporando a Literatura como uma fonte rica e complexa. A análise das obras literárias permite ao historiador acessar dimensões do passado que outras fontes não revelam, enriquecendo a compreensão da experiência humana no tempo.

Citações da seção:

citação ´pagina 45 historia e literatura:

- *Para a História Cultural, a relação entre a História e a Literatura se resolve no plano epistemológico, mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real. Clio e Calíope participam da criação do mundo, como narrativas que falam do acontecido e do não acontecido, tendo a realidade como referente a confirmar, a negar, a ultrapassar, a deformar.*

Citação na pagina 46 - a histoira é controlada por seu objeto:

- *Por outro lado, há distanciamentos entre uma forma narrativa e outra, colocando-se como a grande questão o já mencionado debate entre verdade e ficção, que discute o estatuto da História : ao admitir o uso de estratégias fictícias, ao endossar que realiza reconstruções do passado e lida com a verossimilhança ou, no máximo, verdades cumulativas e parciais, a História Cultural não estaria se aproximando ou se identificando demais com a Literatura e abrindo mão de seu caráter científico ? Já vimos que a resposta dada pela História foi de que ela é uma ficção controlada, seja pelo método, seja pelas fontes, tal como pelo fato de que lida sempre com o acontecido, embora variem as formas de representar aquilo que aconteceu. A História assim é controlada pela relação que estabelece com o seu objeto. Ela tem como meta atingir uma verdade sobre o acontecido, que se aproxime o mais possível do passado*

Citação na pagina 47 sobre o uso da literatura como fonte para a historia:

- *Se a História Cultural está em busca do resgate das representações passadas, se almeja atingir aquele reduto de sensibilidade e de investimento primário na significação do mundo, a Literatura é uma fonte realmente especial : ela pode dar ao historiador aquele algo a mais que outras fontes não fornecerão. A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. Porque se fala disto e não daquilo em um texto ? O que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido ? Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma.*

Citação na pagina 47 sobre a busca do tempo da escrita:

- *Quando o texto literário fala do passado, construindo-se como um romance histórico – tal como Sir Walter Scott com Ivanhoé ou Érico Veríssimo com O tempo e o vento –, o historiador não busca nele a verdade de um outro tempo, vendo no discurso de ficção a possibilidade de acessar o passado, mas a concepção de passado formulada no tempo da escritura.*

citação na pagina 47 sobre a literatura de ficção cientifica:

- Por trás de todas essas modalidades de uso do texto literário se encontra a ideia, cara à História Cultural, de que toda época – a época da escritura de um texto – explica o presente, inventa o passado, constrói o futuro !

Seção 06 Pag. 48 - 50 :

Nesta seção, a autora explora o campo da imagem como objeto de pesquisa na História Cultural, destacando a importância de analisar as imagens como representações do mundo, e não apenas como ilustrações. Ela evidencia a inovação do uso de imagens como fonte histórica, contrastando-a com a tradição de fontes escritas, e ressalta que a imagem, com seus códigos e significados próprios, é uma representação do real.

A autora aprofunda a discussão sobre a diferença entre imagem e texto, questionando qual deles oferece uma representação mais fiel da realidade. A análise envolve o impacto visual da imagem versus a profundidade da leitura textual, e o papel dos códigos e significados em ambas as formas de representação. Ela apresenta diversas abordagens para a leitura da imagem, como a iconografia e a iconologia, sublinhando a importância de analisar os temas, significados e o contexto cultural da imagem.

A questão da recepção da imagem também é abordada, destacando como o espectador de cada época interpreta e atribui significados à imagem. A autora defende o valor documental da imagem para a História Cultural, ressaltando sua capacidade de revelar como os homens se representavam e quais valores e conceitos transmitiam. Ela enfatiza que a imagem, assim como o texto, é testemunha de si mesma.

- **Jacques Aumont**: Sua reflexão sobre a produção das imagens é utilizada para explicar a função das imagens.
- **Georges Duby**: Sua reflexão sobre a diferença entre imagem e texto é utilizada para explicar a dificuldade de se definir qual das duas formas de representação é mais eficiente.
- **Louis Marin**: Sua reflexão sobre o poder de mobilização das imagens é utilizada para explicar o poder de ação das imagens.
- **Gombrich, Panofsky e Haskell**: Suas estratégias de leitura da imagem são apresentadas como ferramentas para o historiador.
- **Serge Gruzinski**: Seu trabalho sobre imagens na Hispano-América é citado como exemplo da fecundidade desse campo de estudo.
- A obra "As três ordens representadas forjando a constituição. França, século XVIII (caricatura da época da Revolução Francesa)." é utilizada para exemplificar as analises da imagem.

A seção demonstra como a História Cultural amplia as fontes de pesquisa histórica, incorporando a imagem como um objeto de estudo complexo e rico. A análise das imagens permite ao historiador acessar dimensões do passado que outras fontes não revelam, enriquecendo a compreensão da experiência humana no tempo.

Citações da seção:

citação na pagina 48 que incia a sexta seção do capitulo:

- *Um outro campo de pesquisa da História Cultural diz respeito às imagens. Diante de um predomínio ou de uma tradição no uso de fontes escritas, mesmo sendo tão antigas quanto a presença do homem na terra, as imagens são ainda consideradas um campo relativamente novo no âmbito da História.*

Citação na pagina 49 sobre a impossibilidade de ler uma imagem:

- *Por outro lado, não se pode esquecer que a imagem, para ser lida, possui códigos especiais, espécies de ícones ou signos que remetem a uma lógica de significados para uma época dada. Assim, a semiótica se propõe enfrentar essa leitura cifrada da imagem, que por sua vez remete o leitor a um conhecimento em paralelo daquilo que está contido na imagem. Mas, isso não poderia, também, ser aplicado ao texto, com um elenco de significados codificados para as palavras, obrigando ao conhecimento dos registros linguísticos de uma época dada ?*

Citação pagina 49:

- *A imagem possui uma função epistêmica, de dar a conhecer algo, uma função simbólica, de dar acesso a um significado, e uma estética, de produzir sensações e emoções no espectador. Mas se esse espectador é um historiador, ele deve ter uma pergunta a fazer a essa imagem, e vai tomá-la como representação, ou seja, como traço ou fonte que se coloca no lugar do passado a que se almeja chegar.*

Citação da pagina 50 sobre o posicionamento de Panofsky da historia cultura:

- *Segundo Panofsky, há um momento de reconhecimento iconográfico de leitura da imagem, quando, no caso em pauta, o historiador se depara com ela : há que registrar o que se vê, primeiro plano e também o segundo, o fundo de tela, os detalhes, os acessórios, a paisagem e o entorno, os elementos secundários, enfim, que tal como no método indiciário levarão a imagem a falar e revelar significados, identificando mensagens e motivações. Implica uma leitura dos temas e significados que trazem as formas expostas na imagem. Já em uma segunda etapa, a iconológica, se atingiria o significado intrínseco ao conteúdo simbólico, ao significado intrínseco de uma época, princípios subjacentes que levam a atitudes emocionais, a sensibilidades sinais de um momento histórico dado, marcando a passagem para o âmago do clima cultural de uma época. Nessa medida, o historiador sai realmente da imagem para recorrer ao seu capital específico de conhecimentos que lhe permitirão, por sua vez, retornar à imagem para chegar a uma forma de interpretação mais elevada.*

Seção 07 pag. 50 - 52 :

Nesta seção, a autora explora a identidade como um campo de pesquisa relevante para a História Cultural, destacando seu caráter construído, relacional e multifacetado. A autora define identidade como uma construção simbólica que organiza um sistema de compreensão baseado no sentimento de pertencimento. Essa construção imaginária promove a coesão social, permitindo a identificação do indivíduo com o grupo e estabelecendo a diferença em relação ao outro.

A identidade se constitui na relação com a alteridade, ou seja, na diferenciação entre "nós" e "eles". A autora destaca que a forma como essa diferença é construída pelo imaginário é mais relevante do que a simples constatação da diversidade. Os indivíduos possuem múltiplas identidades, que podem se sobrepor e coexistir, nem sempre de forma harmoniosa. As identidades podem ser delimitadas por território, tempo, etnia, raça, religião, gênero, classe social, entre outros.

As representações identitárias integram o imaginário social e influenciam as práticas sociais, os discursos e as imagens. A identidade é construída em torno de elementos positivos, que conferem reconhecimento social e satisfação aos indivíduos. A alteridade pode se manifestar de diversas formas, desde a admiração até a negação e exclusão. A exclusão é um processo de atribuição de negatividade ao outro, que pode gerar reações identitárias por parte dos excluídos.

Apesar da tendência à homogeneização cultural, a autora observa um ressurgimento de identidades locais e um aumento da preocupação com a questão da exclusão. A História Cultural busca compreender a eficácia simbólica das representações identitárias nos movimentos sociais contemporâneos.

- **Anne-Marie Thiesse**: Seu conceito de "check-list identitária" é utilizado para descrever a elaboração de estereótipos e símbolos nacionais.
- A obra "O 28 de julho de 1830. A Liberdade guiando o povo. Eugène Delacroix, século XIX." e "O rosto da guerra. Salvador Dali, século XX." são usadas para exemplificar como a arte pode ser usada para representar identidades e conflitos.

A seção demonstra como a História Cultural analisa a identidade como um fenômeno complexo e dinâmico, que molda as relações sociais e influencia a ação humana. A autora destaca a importância de compreender as representações identitárias para desvendar os significados e as motivações que orientam as sociedades.

Citações da seção:

citação na pagina 50 que inicia a sétima seção :

As identidades são, pelo seu lado, um outro campo de pesquisa para a História Cultural. Enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença. A identidade é relacional, pois ela se constitui a partir da identificação de uma alteridade. Frente ao eu ou ao nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro.

Citação pagina 51:

- *Para a elaboração identitária, que cria o sentimento partilhado de pertencer a um grupo dado, as identificações se dão a partir do defrontamento com o outro, identificações de reconhecimento estas que podem ou não guardar relações de proximidade com o real. As representações de identidade são sempre qualificadas em torno de atributos, características e valores socializados em torno daqueles que integram o parâmetro identitário e que se colocam como diferencial em relação à alteridade.*

citação na pagina 51 sobre as identidades e a construção de sentido:

- *A elaboração dos mitos de origens vai ao encontro das identidades nacionais, compondo conjuntos de referência para as raízes de um povo. Como desdobramento de tais processos, delineiam-se estereótipos e uma espécie de check-list identitária, no dizer de Anne-Marie Thiesse, em que se relacionam pais ancestrais, datas memoráveis, fatos históricos, lugares de memória, mitos, ritos e práticas alusivas à nação, à música, à comida e à festa nacional, aos trajes típicos. As identidades são, no caso, ficções criativas que situam o indivíduo no espaço, no tempo, no social, mesmo no mundo.*

Citação pagina 52:

- *A identidade deve apresentar um capital simbólico de valoração positiva, deve atrair a adesão, ir ao encontro das necessidades mais intrínsecas do ser humano de adaptar-se e ser reconhecido socialmente. Mais do que isso, a identidade responde, também, a uma necessidade de acreditar em algo positivo e a que o indivíduo possa se considerar como pertencente.*

Seção 08 Pag. 53:

esta seção, a autora explora a História do Tempo Presente como um campo de pesquisa relevante para a História Cultural, destacando seus desafios e potencialidades.

A autora define a História do Tempo Presente como o estudo de acontecimentos que ainda estão em desenvolvimento, nos quais o historiador é contemporâneo e, em certa medida, testemunha. Essa abordagem se diferencia da historiografia tradicional, que analisa processos já concluídos.

A autora aponta os riscos inerentes a essa abordagem, como o envolvimento emocional do historiador e a dificuldade de manter o distanciamento crítico. A natureza inconclusa dos eventos também torna as conclusões do historiador mais provisórias e sujeitas a revisões.

A História do Tempo Presente, sob a perspectiva da História Cultural, renova os estudos sobre movimentos sociais e história política contemporânea. Conceitos como imaginário social, discursos e imagens ganham centralidade na análise de processos em curso.

A autora descreve os eventos contemporâneos como "laboratórios ao vivo" da construção e aplicação de representações sociais. Essa abordagem permite ao historiador observar a dinâmica das representações em tempo real.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é citado como exemplo de objeto de estudo para a História do Tempo Presente. Sua riqueza simbólica e capacidade de mobilização política o tornam um caso relevante para a análise da História Cultural.

A seção demonstra como a História do Tempo Presente, ao se apropriar dos conceitos da História Cultural, oferece novas perspectivas para a análise do mundo contemporâneo. A autora destaca os desafios dessa abordagem, mas também seu potencial para desvendar a complexidade das representações sociais em ação.

Citações da seção:

Citação na pagina 53 que inicia a oitava seção:

- *Nesse ponto, cabe referir mais um campo de pesquisa para os historiadores atuais que se insere também dentro da abordagem cultural da História : referimo-nos à História do tempo presente. Ora, tal campo implica tomar esta História na qual os acontecimentos estão ainda a se desenvolver. Trata se de uma História ainda não acabada, em que o historiador não cumpre o seu papel de reconstruir um processo já acabado, de que se conhecem o fim e as consequências. Não se trata, pois, da construção ex-post de algo que*

ocorreu por fora da experiência do vivido, pois o historiador é contemporâneo e, de certa forma, testemunha ocular de um processo que ainda se desdobra e do que não se conhece o término

Seção 09 pag. 53 - 56:

Nesta seção, a autora explora a relação entre Memória e Historiografia como um campo de pesquisa relevante para a História Cultural, destacando as complexidades e desafios dessa abordagem.

Análise dos Pontos-Chave:

Nesta seção, a autora explora a relação entre Memória e Historiografia como um campo de pesquisa relevante para a História Cultural, destacando as complexidades e desafios dessa abordagem.

A autora inicia destacando que tanto a História quanto a Memória são formas de representação narrativa do passado, buscando reconstruir eventos e registrar ausências temporais. A memória permite lembrar sem a presença física do objeto ou pessoa, evocando imagens mentais e registrando a passagem do tempo.

Em seguida, a autora explora as duas modalidades de memória:

- **Mneme:** A memória involuntária, que surge espontaneamente ou por meio de estímulos sensoriais, como a "madeleine" de Proust.
- **Anamnese:** A memória voluntária, que envolve um esforço deliberado para recuperar lembranças passadas. A anamnese culmina no reconhecimento da veracidade da lembrança, um ato de confiança que valida a rememoração.

O historiador que trabalha com memória enfrenta desafios como:

- O intervalo temporal entre o evento e sua evocação, que influencia a reelaboração das lembranças.
- A mescla entre memória individual e memória social, que molda a forma como as lembranças são preservadas e ressignificadas.
- O papel do esquecimento, que é seletivo e influenciado por fatores sociais.

A autora aborda a questão da diferença entre História e Memória, destacando que a História não possui a mesma "alegria" da Memória, que é o reconhecimento da autenticidade da lembrança. A História busca a verossimilhança e a aproximação com o real, mas sempre como uma reconstrução narrativa.

A análise da Memória abre um campo de pesquisa para a História Cultural, explorando como os historiadores construíram suas narrativas ao longo do tempo. A autora destaca a importância de considerar questões como escrita, leitura, ficcionalização narrativa e recepção na análise da Historiografia.

A autora também expande o conceito de fontes de pesquisa, demonstrando que tudo pode ser fonte para o historiador, dependendo da pergunta que seja formulada. Ela demonstra que tanto documentos oficiais, quanto não oficiais, e também a análise de imagens e objetos podem se tornar fontes de pesquisa.

- **Aristóteles e Paul Ricoeur**: Suas reflexões sobre a natureza da memória e da história são fundamentais para a compreensão desse campo de estudo.
- A obra "Retrato do judeu errante. França, século XVIII." é utilizada como exemplo de fonte imagética.

A seção demonstra como a História Cultural expande os horizontes da pesquisa histórica, incorporando a Memória como um campo de estudo complexo e relevante. A análise da relação entre Memória e Historiografia permite ao historiador compreender como o passado é construído e representado, enriquecendo a compreensão da experiência humana no tempo.

CAPÍTULO VI

Uma difusão mundial : a História sem fronteiras

Analise textual do capitulo:

No Capítulo VI, "Uma difusão mundial: a História sem fronteiras", a autora desmistifica a ideia de que a História Cultural seja uma corrente exclusivamente francesa, explorando sua expansão global e a influência de diversos países e autores. Ela destaca que, embora a França tenha desempenhado um papel central, com nomes como Lucien Febvre, Marc Bloch, Georges Duby, Jacques Le Goff, Michel Foucault e Paul Ricoeur, a História Cultural transcende fronteiras nacionais. A França é apresentada como um polo agregador de discussões e um ponto de referência para os novos rumos da História.

A autora também reconhece a relevância da micro-história italiana, mencionando Carlo Ginzburg, Giovanni Levi, Edoardo Grendi e Carlo Poni, cuja renovação da História Social e adoção da redução de escala como método de análise são destacadas. Além disso, ela explora as contribuições de outros países, como a Grã-Bretanha (Edward P. Thompson, Raymond Williams, Peter Burke), os Estados Unidos (Robert Darnton, Natalie Davis, Lynn Hunt, Marshall Berman, Hayden White, Dominick LaCapra) e a Alemanha (Walter Benjamin, Norbert Elias, Reinhardt Koselleck), além de Portugal e Argentina.

No contexto brasileiro, a autora analisa a trajetória da História Cultural desde os pioneiros Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda até os pesquisadores contemporâneos, abrangendo temas como imaginário, representações sociais, história e literatura, memória, historiografia, linguagens visuais e sonoras, cidade, patrimônio, identidades e sensibilidades. Ela também destaca a expansão das fontes de pesquisa, demonstrando que a História Cultural utiliza desde documentos oficiais até documentos não oficiais, e também a análise de imagens e objetos.

O ponto chave do capítulo é demonstrar que a História Cultural é um movimento historiográfico global, com raízes em diversas tradições intelectuais e contribuições de autores de diferentes países. A autora busca desmistificar a ideia de que a História Cultural seja uma corrente exclusivamente francesa, evidenciando sua natureza internacional e a riqueza de suas abordagens.

CAPÍTULO VII

Os novos parceiros da História : nas fronteiras do conhecimento

Analise textual do capitulo:

No Capítulo VII, "Os novos parceiros da História: nas fronteiras do conhecimento", a autora explora a expansão do diálogo interdisciplinar na História Cultural, destacando a interação com novas áreas do conhecimento. O ponto chave do capítulo é demonstrar como a História Cultural expande seus horizontes, dialogando com diversas áreas do conhecimento para enriquecer a compreensão do passado, mantendo a

especificidade da História, ao mesmo tempo em que se incorporam novos conceitos e métodos para analisar a complexidade da experiência humana.

A autora inicia destacando a mudança nos parceiros da História ao longo do tempo, desde as "ciências auxiliares" como Heráldica e Diplomática, até a Sociologia, Ciência Política e Economia na vertente marxista. Com o advento da História Cultural, novos parceiros surgem, como Antropologia, Literatura, Arte, Arquitetura, Urbanismo, Psicologia e Psicanálise, colocando a História nas "fronteiras do conhecimento".

A autora aborda os desafios dessa interdisciplinaridade, questionando se o historiador precisa se tornar especialista em outras áreas para dialogar com elas. Ela defende que a especificidade da História reside na busca de resgatar ações, mudanças e representações do passado, e que o historiador utiliza seu "capital específico" de conhecimento para estabelecer relações entre os elementos de análise.

O diálogo com os novos parceiros não estabelece hierarquias ou territórios de propriedade, mas sim a partilha de um tema/objeto comum e a formulação de perguntas a partir da perspectiva histórica. O historiador realiza incursões em outros territórios, incorporando novos conceitos e conteúdos, mas mantendo sua identidade como historiador.

A autora explora as parcerias específicas com cada área:

- **Antropologia:** A aproximação é destacada, especialmente na "Antropologia Histórica", com a incorporação de conceitos como simbólico, representação e imaginário. A autora menciona a influência de Marc Augé, Clifford Geertz e Marshall Sallins, e a adoção de métodos como a "descrição densa".
- **Literatura:** O diálogo é explorado, especialmente na discussão sobre a veracidade e verossimilhança da narrativa histórica, e na análise da linguagem e da metáfora. A autora cita Roland Barthes, Hayden White, Paul Ricoeur, Roger Chartier, Krzysztof Pomian e Philippe Boutry.
- **Arte, Arquitetura e Urbanismo:** A autora aborda a análise de imagens e obras de arte como fontes históricas, e a exploração do imaginário urbano na relação com a Arquitetura e o Urbanismo. Walter Benjamin e Ítalo Calvino são citados como influências nesse diálogo.

A autora também demonstra que a história cultural expande as fontes de pesquisa, e que para que se possa trabalhar com elas, a interação com outros campos de pesquisa se faz necessária.

CAPÍTULO VIII

Os riscos da empreitada : alerta geral

Analise textaul do capitulo:

No Capítulo VIII, "Os riscos da empreitada: alerta geral", a autora discute os desafios e críticas enfrentados pela História Cultural, enfatizando que o sucesso da abordagem não deve obscurecer os riscos e problemas inerentes à sua prática. O ponto chave do capítulo é alertar para os desafios intelectuais que a História Cultural apresenta, defendendo que esses riscos devem ser encarados como oportunidades de aprimoramento da análise histórica.

A autora inicia o capítulo destacando a necessidade de assumir a dúvida como princípio de conhecimento, reconhecendo a provisoriedade das conclusões históricas e a existência de múltiplas versões do passado. Ela critica a visão pós-moderna que equipara a História à Literatura, negando seu compromisso com a busca da verdade e reduzindo-a a um mero entretenimento.

A autora alerta para o risco do relativismo na análise histórica, que pode levar à negação da possibilidade de conhecimento do passado. Ela defende a importância da segurança das fontes, da evidência da pesquisa e da busca por provas para sustentar as interpretações históricas. Além disso, ela ressalta a importância da clareza e da estética na escrita da História, para que o texto seja convincente e acessível ao público.

A autora discute a dificuldade de manter o distanciamento crítico em relação ao passado, especialmente ao lidar com temas sensíveis e controversos. Ela defende a necessidade de um "olhar oblíquo", que explore as representações sociais e os significados ocultos do passado, sem cair na armadilha da superinterpretação ou de conclusões exageradas.

A autora também aborda o desafio de lidar com a subjetividade, tanto do historiador quanto dos atores históricos. Ela destaca a importância de analisar as sensibilidades e emoções do passado, utilizando fontes indiretas e exercitando a leitura crítica.

Por fim, a autora reconhece o caráter sedutor e perigoso da História Cultural, que atrai pesquisadores com sua ousadia e inovação. No entanto, ela ressalta que a abordagem exige rigor teórico e metodológico, além de uma vasta bagagem de leitura e pesquisa.

- **Ítalo Calvino:** A autora utiliza o conceito de "leveza do olhar" de Calvino para defender a necessidade de uma visão crítica e indireta do passado.

O capítulo VIII serve como um aviso e uma reflexão sobre a prática da História Cultural, destacando os desafios e riscos que os pesquisadores enfrentam. A autora defende que esses desafios devem ser encarados como oportunidades de aprimoramento da análise histórica, e não como obstáculos intransponíveis.